



UNIVERSITÀ
DEGLI STUDI
DI PADOVA

Dipartimento di studi linguistici e letterari

Corso di Laurea Triennale in

Lingue, Letterature e Mediazione straniera

Classe L11

**Il naufragio dell'io: la saudade come spazio speculare in
Eduardo Lourenço e Fernando Pessoa**

Relatore

Prof.ssa Barbara Gori

Laureanda

Benedetta Maria Schiavon

Anno accademico 2025/2026

Indice

Introduzione:	4
Capitolo 1 - La Saudade come costruzione culturale: Eduardo Lourenço e l'identità del Portogallo.....	7
1.1 La saudade: dalle origini alla costruzione dell'identità nazionale	7
1.2 Eduardo Lourenço e O Labirinto da Saudade	12
1.3 Il Saudosismo e la critica di Lourenço	24
1.4 Il concetto del Quinto Impero tra messianismo e identità	34
Capitolo 2 Fernando Pessoa: tra mito, eteronimia e testi	43
2.1 La Visione mitica e profetica in Mensagem	43
2.2 La Teoria dell'eteronimia e il caso Vincenzo Russo	55
2.3 La Saudade in Pessoa attraverso l'analisi dei testi: <i>Vem Sentar-Te Comigo, Lídia, À Beira Do Rio, Ode Marítima e Tabacaria</i>	61
2.3.1 Fernando Pessoa, Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio, in Odes de Ricardo Reis (composizione 1914; pubblicazione postuma nelle raccolte di Ricardo Reis).....	61
2.3.2 Álvaro de Campos (Fernando Pessoa), “Ode Marítima”, in Orpheu, n.º 2, Lisboa, 1915.....	71
2.3.3 Tabacaria	76
Conclusioni	83
Bibliografia	87
Sitografia:.....	89
Ringraziamenti.....	90

Introdução:

A saudade constitui um dos conceitos mais representativos e complexos da cultura portuguesa. A dificuldade em defini-la decorre não só da ausência de um termo totalmente equivalente em outras línguas, mas sobretudo da multiplicidade de significados que foi ganhando ao longo do tempo. Embora seja frequentemente equiparada a “nostalgia”, “melancolia” ou “arrependimento”, a saudade não coincide com nenhuma dessas categorias emocionais, pois inclui uma dimensão mais complexa, na qual a memória, o desejo, a ausência e a identidade convergem. Portanto, é um conceito que vai além da esfera individual de sentimento, chegando a assumir um valor filosófico, histórico e cultural.

Ao longo dos séculos, a saudade tem sido objeto de inúmeras interpretações por escritores e estudiosos da cultura portuguesa, até se tornar um dos elementos fundamentais através dos quais Portugal fundamenta a sua identidade. De um sentimento ligado a perda, melancolia e memória, transforma-se gradualmente em interpretação, através da qual se pode ler a relação da comunidade com a própria história e o próprio destino. A saudade não pode, portanto, ser considerada exclusivamente uma característica psicológica ou sentimental, mas deve ser entendida como uma construção cultural em contínua transformação.

O conceito de “Saudade” surgiu em particular entre o final do século XIX e o século XX, período em que a reflexão sobre a identidade nacional portuguesa assumiu um papel decisivo no debate intelectual. A crise do império colonial, as mudanças políticas e sociais, e o confronto com a modernidade de outras cidades europeias, levaram numerosos autores a questionar o significado da história portuguesa e a posição do país dentro da Europa contemporânea. Neste contexto, a saudade é reinterpretada como uma forma de consciência histórica coletiva, capaz de expressar a relação ambivalente de Portugal com o seu passado, suspensa entre a memória, a perda e a aspiração ao futuro.

Nesta perspetiva, a saudade representa um ponto de vista privilegiado para abordar algumas questões centrais da cultura portuguesa: a relação entre memória

e identidade, entre mito e história, entre indivíduo e comunidade. Com esta pesquisa, pretendo superar visão essencialista da saudade entendida como característica permanente do caráter nacional e, pelo contrário, analisá-la como categoria cultural construída e redefinida por diferentes momentos históricos e correntes de pensamento. Para desenvolver esta reflexão, examino duas figuras fundamentais da cultura portuguesa do século XX: Eduardo Lourenço e Fernando Pessoa. A comparação entre estes dois autores permite-nos observar o conceito de saudade a partir de perspetivas complementares: filosóficas e histórico-culturais no caso de Lourenço, poéticas e literárias no caso de Pessoa. Ambos, embora através de diferentes instrumentos, contribuem para a reflexão sobre a identidade portuguesa e o papel dos mitos na construção da consciência nacional.

Uma referência central da pesquisa é a obra de Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade: Psicanálise mítica do destino português*, um texto fundamental para a compreensão da relação entre identidade, memória e autorrepresentação portuguesas. Lourenço questiona interpretações estáticas da identidade portuguesa e analisa o papel dos mitos históricos e culturais na formação da consciência coletiva. A sua reflexão permite-nos situar a saudade dentro de um processo histórico mais amplo, não o restringindo unicamente à dimensão emocional. Ao lado desta visão de Lourenço, concentro-me também sobre o trabalho de Fernando Pessoa, autor que influencia profundamente a cultura portuguesa contemporânea através da complexidade da sua produção literária e filosófica. A pluralidade das suas vozes poéticas, a teoria da heteronímia e a reflexão sobre o destino histórico de Portugal são elementos fundamentais para compreender a relação entre saudade, identidade e mito. Em particular, a análise do poema *Mensagem* e de alguns textos significativos permite-nos observar como a saudade é reinterpretada em dimensão simbólica e universal. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, integrando ferramentas da crítica literária, da história das ideias e da filosofia da cultura. A análise das obras de Lourenço e de Pessoa é acompanhada por um estudo da bibliografia crítica relativa à saudade, ao saudosismo e à construção do imaginário nacional português, com o objetivo de colocar as reflexões dos dois autores dentro do debate cultural mais amplo do século XX.

A tese é dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à reconstrução histórica e cultural da saudade, partindo da etimologia do termo e das suas principais interpretações.

Analisa-se o pensamento de Eduardo Lourenço e o movimento do saudosismo, destacando o processo pelo qual a saudade se torna uma identidade e um princípio cultural. A parte final do capítulo é dedicada ao mito do Quinto Império e ao seu papel na formação da imaginação nacional portuguesa. O segundo capítulo centra-se em Fernando Pessoa e na reformulação dos temas abordados na primeira parte da pesquisa. Através da análise de *Mensagem*, da teoria da heteronímia e de alguns textos representativos, destacam-se as relações entre saudade, identidade e destino histórico, ao mesmo tempo que se relevam analogias e diferenças na perspectiva de Lourenço.

Esta tese tem como objetivo analisar a evolução do conceito de saudade dentro da cultura portuguesa, realçando a transição da experiência individual um elemento constitutivo da imaginação nacional.

O objetivo não é identificar uma definição única do termo, mas reconstruir a pluralidade de interpretações que assumiu ao longo do tempo, considerando a saudade como um fenómeno histórico e cultural influenciado pelos diferentes contextos e pelos autores que desenvolveram seu significado. A análise das obras de Eduardo Lourenço e Fernando Pessoa permite assim compreender a continuidade e transformação de um conceito que, ao longo do século XX, se confirmou como um dos elementos mais significativos da cultura portuguesa contemporânea.

Capitolo 1 - La Saudade come costruzione culturale: Eduardo Lourenço e l'identità del Portogallo

1.1 La saudade: dalle origini alla costruzione dell'identità nazionale

Il termine saudade rappresenta uno dei fulcri semantici e concettuali più complessi dell'intera cultura lusitana. Non si tratta di una semplice parola, bensì di un vero e proprio nucleo filosofico, letterario e psicologico attraverso il quale il popolo portoghese ha interpretato, nel corso dei secoli, la propria presenza nel mondo, la propria storia e il proprio destino collettivo.

Definire la saudade è un'operazione complessa, poiché non ha una vera e propria traduzione nelle altre lingue europee. Essa viene spesso approssimata come nostalgia, rimpianto, malinconia o desiderio, ma ciascuna di queste definizioni finisce per non rispecchiare il vero significato.

La saudade è, intrinsecamente, la presenza di un'assenza: un sentimento che unisce il dolore per la perdita o la mancanza di qualcosa o qualcuno, ma anche il ricordo di ciò che è stato o della speranza di ciò che potrebbe essere o, addirittura, di ciò che avrebbe potuto essere e sappiamo benissimo che non sarà.

Eduardo Lourenço, in *O Labirinto da Saudade* (1978), la identifica come mito fondativo dell'identità portoghese.

Per comprendere appieno come tale concetto sia divenuto il pilastro portante dell'identità del paese, è necessario compiere un percorso che ne rintraccia le origini etimologiche, storiche e letterarie.

Dal punto di vista prettamente linguistico, l'ipotesi più accreditata e universalmente accettata dalla filologia romanza, come afferma per esempio José Pedro Machado (1914-2005) in *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, il termine deriva dal latino *solitas, solitatis* ('solitudine').

La parola subisce una complessa evoluzione fonetica, transita dal latino attraverso forme intermedie quali *soidade* e *suidade* e risente simultaneamente dell'influsso analogico del verbo *saudar* (dal latino salutare). Simbolicamente, l'evoluzione riflette il passaggio dall'isolamento alla tensione verso ciò che manca.

Se l'etimologia riconduce la saudade alla solitas latina, la riflessione filosofica di Eduardo Lourenço mostra come essa non si esaurisca nella semplice solitudine, ma si configuri come un'esperienza della memoria e dell'assenza, orientata verso un oggetto perduto o desiderato. In questa prospettiva, la saudade non rappresenta una chiusura dell'individuo in sé stesso, bensì una tensione costante verso un'alterità, un luogo, un tempo o una condizione non più presenti, che continua a dare forma all'identità personale e collettiva.

Le prime tracce della saudade compaiono nella lirica galego-portoghese medievale (XII-XIV secolo). Nelle celebri "*Cantigas de amigo*" di Martín Codax, la voce poetica, convenzionalmente femminile, esprime con straziante purezza il dolore per la lontananza del proprio amato (o amigo), partito per la guerra o per i mari. In queste composizioni, il paesaggio naturale, dominato dalle onde del mare di Vigo o dalle verdi coste atlantiche, cessa di essere un mero sfondo decorativo per divenire lo specchio dell'interiorità della voce poetica. Ad esempio, il mare di Vigo assume il ruolo di interlocutore privilegiato della giovane donna che attende il ritorno dell'amato. Nel componimento *Ondas do mar de Vigo*, la protagonista si rivolge direttamente alle onde chiedendo notizie dell'amico lontano: «Ondas do mar de Vigo, se vistes meu amigo?», trasformando l'elemento naturale in testimone della separazione e della speranza. Analogamente, nella cantiga «Ai Deus, se sab' ora meu amigo», l'attesa del ritorno dell'amato diviene il centro emotivo del testo, mentre il paesaggio costiero amplifica il senso di inquietudine e di desiderio.

Un analogo procedimento compare nelle composizioni di Mendinho, trovatore galego-portoghese del XIII secolo, in particolare nella celebre «Sedia-m'eu na ermida de San Simion», dove l'isolamento della giovane presso l'eremo, circondato dall'alta marea, assume un forte valore simbolico. L'avanzare delle acque non rappresenta soltanto un elemento paesaggistico, ma diviene metafora della distanza dall'amato, dell'incertezza e della vulnerabilità della protagonista.

Sebbene il termine saudade non compaia ancora con la frequenza e il significato che assumerà nei secoli successivi, queste composizioni mettono già in scena i nuclei tematici destinati a caratterizzarlo: l'assenza dell'amato, l'attesa del ritorno, il dialogo con la natura e il dolore della separazione.

Come osserva Eduardo Lourenço in *O Labirinto da Saudade* (1978), la saudade cessa progressivamente di essere un sentimento esclusivamente individuale per trasformarsi in una categoria interpretativa della storia e dell'identità portoghese.

Il passaggio cruciale coincide con l'epopea delle grandi scoperte marittime (i Descobrimentos) tra il XV e il XVI secolo. Con l'avvio delle navigazioni oceaniche sotto l'impulso dell'Infante Dom Henrique (1394 - 1460) e la successiva apertura delle rotte verso l'Africa, l'India e il Brasile, il Portogallo sperimenta una radicale ridefinizione dei propri confini fisici e mentali. Una nazione geograficamente ristretta, confinata ai margini occidentali dell'Europa, si trova improvvisamente proiettata sulla vastità sconosciuta dell'oceano.

Questa immensa avventura storica produce una profonda mutazione antropologica nel popolo portoghese. La partenza delle navi verso terre ignote implica, per migliaia di uomini, il distacco prolungato o definitivo dalla patria, dalle famiglie, dagli affetti più cari, come si legge in *Mensagem* (1934) di Fernando Pessoa (1888-1935): «O mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal! / Por te cruzarmos, quantas mães choraram, / Quantos filhos em vão rezaram! / Quantas noivas ficaram por casar / Para que fosses nosso, ó mar!». ¹

In questo contesto storico, la saudade si allarga, si democratizza e si nazionalizza, diviene il sentimento condiviso sia da coloro che partono, costretti a vivere nella memoria nostalgica della terra natale perduta oltre l'oceano, sia da coloro che rimangono, condannati a uno stato di perenne angoscia, attendendo sul molo. Il mare, elemento primordiale della geografia portoghese, si trasforma nel grande catalizzatore della saudade.

L'esperienza delle grandi navigazioni trova una delle sue più alte espressioni letterarie in *Os Lusíadas* (1572) di Luís de Camões. Pur configurandosi come il poema epico della nazione portoghese e della sua espansione oltremare, l'opera non si limita a celebrare il coraggio dei navigatori e la grandezza delle conquiste.

Accanto all'esaltazione dell'eroismo, Camões mette, infatti, in scena il dolore della separazione, l'incertezza del viaggio e il sacrificio imposto a coloro che rimangono in patria. Emblematico è l'episodio del *Vecchio del Restelo* (Canto IV,

¹ Fernando Pessoa, *Mensagem*, Lisboa, Editora Presença, 1993, p. 58.

strofe 94-104), nel quale la voce critica del personaggio denuncia il costo umano delle imprese marittime, contrapponendo alla ricerca della gloria le sofferenze delle famiglie e l'abbandono degli affetti. Allo stesso modo, le scene di commiato tra i navigatori e i loro cari conferiscono all'epopea una profonda dimensione emotiva. Sebbene Camões non utilizzi la saudade come categoria filosofica o identitaria nel significato che essa assumerà nei secoli successivi, il poema offre una delle prime e più significative rappresentazioni letterarie di quel sentimento di perdita, lontananza e desiderio del ritorno che la critica moderna, in particolare Eduardo Lourenço, riconosce come uno degli elementi fondamentali dell'immaginario culturale portoghese.²

Parallelamente a questa evoluzione storica e mitologica, il pensiero filosofico e critico portoghese ha costantemente cercato di analizzare l'essenza concettuale della saudade.

Una delle prime riflessioni sistematiche sulla saudade compare nel *Leal Conselheiro di Dom Duarte (1391.1438)*, redatto intorno al 1438. Nel capitolo XXV, significativamente intitolato Da saudade, il sovrano si propone di distinguere tale sentimento da altri stati d'animo affini, come la tristezza e il disgusto. In uno dei passaggi più noti dell'opera afferma infatti che la saudade «não é tristeza nem prazer, mas participa de ambos», evidenziandone la natura profondamente ambivalente. Per Dom Duarte, essa nasce dal ricordo di un bene vissuto o desiderato, la cui assenza genera sofferenza, mentre la memoria della sua esistenza continua a offrire una forma di consolazione. La saudade si configura così come un'esperienza complessa, nella quale dolore e piacere coesistono senza annullarsi reciprocamente.

La riflessione di Dom Duarte segna il passaggio della saudade da sentimento comune a concetto teorico.

Come osserva Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) in *A Saudade Portuguesa* (1914), il capitolo del *Leal Conselheiro* costituisce la prima analisi consapevole del termine nella letteratura portoghese e ne mette in luce la specificità

² Si tratta del Canto V, strofe 94-104, de *Os Lusíadas* di Luís de Camões (Cfr. Eduardo Lourenço, "Psicanálise mítica do destino português", in Idem, *O Labirinto da Saudade e Outros Ensaios sobre a Cultura Portuguesa, Obras Completas*, vol. XIII, ed. João Dionísio, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2023, p. 20).

rispetto ad altri sentimenti di malinconia o nostalgia. Anche Eduardo Lourenço, in *O Labirinto da Saudade*, riconosce nel testo di Dom Duarte una tappa decisiva del lungo processo attraverso cui la saudade si trasforma da esperienza individuale in una delle categorie fondamentali dell'immaginario culturale portoghese. Pur assumendo nei secoli successivi significati sempre più ampi e complessi, è proprio nel *Leal Conselheiro* che il termine riceve la sua prima definizione psicologica e morale, destinata a influenzare profondamente la riflessione filosofica e letteraria successiva.

Tuttavia, è tra la fine dell'Ottocento e l'inizio del Novecento che la saudade si trasforma in un vero e proprio movimento filosofico e letterario noto come Saudosismo, guidato dalla figura carismatica del poeta e pensatore Teixeira de Pascoaes (1877 - 1952).

Nel contesto della crisi di fine secolo, segnata dall'Ultimatum britannico del 1890, dal crollo della monarchia e dalla successiva instabilità della Prima Repubblica, Pascoaes e gli intellettuali vedono nella saudade la chiave per la rigenerazione spirituale e morale della nazione. In *Arte de Ser Português* e in *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo* (1915), Pascoaes interpreta la saudade come il principio spirituale che esprime l'essenza più autentica del popolo portoghese. Essa rappresenta una forza creatrice capace di unire memoria e speranza, finito e infinito, materia e spirito. Secondo il poeta, la specificità della cultura lusitana nasce proprio dalla sintesi tra l'eredità pagana, profondamente legata alla natura, e la tradizione cristiana, orientata verso la trascendenza. Come osserva António Quadros (1923-1993), il Saudosismo eleva così la saudade a una vera categoria metafisica, trasformandola nel principio fondamentale dell'identità culturale portoghese.

Arrivati alle soglie del XX secolo, la saudade si presenta come il prodotto di una complessa e secolare costruzione culturale, discorsiva e retorica. Le élite portoghesi usano la saudade come strumento di coesione e auto-rappresentazione nazionale.

Questo processo di essenzializzazione identitaria finisce per creare un vero e proprio specchio mitico all'interno del quale il Portogallo contempla se stesso per generazioni, proclamandosi la "nazione della saudade", un popolo costitutivamente

malinconico, nostalgico, fatalista e perennemente rivolto verso il passato o verso un futuro irraggiungibile.

È proprio contro questa concezione essenzialista della saudade che si confronta, nella seconda metà del Novecento, Eduardo Lourenço (1923 –2020), considerato uno dei più importanti filosofi, saggisti e interpreti della cultura portoghese del XX secolo.

1.2 Eduardo Lourenço e *O Labirinto da Saudade*

Se nel corso dei secoli la cultura portoghese ha progressivamente trasformato la saudade in uno dei principali miti della propria identità nazionale – un processo che trova espressione nel Saudosismo di Teixeira de Pascoaes e nella successiva riflessione sulla specificità della cultura lusitana –, la pubblicazione nel 1978 di *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português* di Eduardo Lourenço segna una svolta decisiva. In quest'opera, Lourenço sottopone infatti a una radicale revisione critica il mito della saudade, sostenendo che essa non costituisce un'essenza immutabile del carattere portoghese, bensì una costruzione storico-culturale attraverso la quale il Portogallo ha interpretato la propria esperienza collettiva e la propria vicenda nazionale.

L'opera viene pubblicata nel 1978, in un momento di profonda trasformazione storica per il Portogallo. Soltanto quattro anni prima, la Rivoluzione dei Garofani del 25 aprile 1974 pone fine a quasi mezzo secolo di regime autoritario dell'*Estado Novo*, inaugurando un complesso processo di democratizzazione delle istituzioni politiche, della società e della cultura. Parallelamente, il Paese è impegnato nella rapida decolonizzazione dei territori africani, che segna la conclusione definitiva del lungo progetto imperiale portoghese e impone una radicale ridefinizione del ruolo del Portogallo nel contesto europeo e internazionale. In questo scenario di profonda crisi e di ricostruzione identitaria, Eduardo Lourenço avverte l'esigenza di interrogarsi criticamente sull'immagine che i portoghesi costruiscono di sé stessi nel corso dei secoli.

L'obiettivo di Lourenço non è negare il valore della saudade né demolire la tradizione culturale portoghese, ma comprendere come alcuni miti, tra cui quello

della saudade, del Sebastianismo e della vocazione imperiale, contribuiscono a plasmare l'autorappresentazione del Portogallo. Secondo il filosofo, tali miti svolgono una funzione storica fondamentale, offrendo alla nazione strumenti simbolici con cui interpretare il proprio passato; tuttavia, dopo la Rivoluzione dei Garofani e la fine dell'impero coloniale, essi non possono più essere accettati in modo acritico. Diventa pertanto necessario sottoporli a un'analisi storica e filosofica, affinché il Portogallo possa confrontarsi con la propria realtà contemporanea e costruire una nuova identità democratica, libera dalle rappresentazioni idealizzate del proprio destino storico.

Come lo stesso Eduardo Lourenço chiarisce nell'introduzione della sua opera, il suo obiettivo non è offrire un'ulteriore celebrazione della saudade o dell'eccezionalità storica del Portogallo, bensì elaborare un «discurso crítico sobre as imagens que de nós temos forjado», ossia un discorso critico sulle immagini che il Paese costruisce di sé nel corso della propria storia. In questa prospettiva, l'espressione «psicanálise mítica» non indica un'analisi psicologica in senso clinico, ma un metodo di indagine volto a ricostruire i miti, i simboli e le rappresentazioni collettive che contribuiscono a definire l'identità nazionale portoghese. La saudade, il Sebastianismo e il mito dell'impero non vengono pertanto considerati come caratteristiche essenziali e immutabili del popolo portoghese, bensì come costruzioni storico-culturali, elaborate in specifici contesti politici e sociali e progressivamente trasformatesi in strumenti di autorappresentazione nazionale.

Questa interpretazione è ampiamente condivisa dalla critica. Per esempio, lo studioso Roberto Vecchi, nell'introduzione all'edizione italiana *Il labirinto della saudade*. Il Portogallo come destino sottolinea come l'originalità dell'opera risieda nella capacità di sottoporre a una radicale revisione critica i grandi miti della cultura portoghese, trasformando la riflessione sull'identità nazionale in un esercizio di autocoscienza storica. Analogamente, Fernando Catroga evidenzia che l'analisi di Lourenço non mira a negare tali miti, ma a comprenderne la funzione culturale e politica nel processo di costruzione dell'identità collettiva. In questo senso, *O Labirinto da Saudade* rappresenta non soltanto uno dei saggi più significativi della cultura portoghese del secondo Novecento, ma anche un'opera fondamentale per

comprendere il passaggio del Portogallo dalla dimensione imperiale alla modernità democratica.

Con essa, l'autore intende utilizzare il linguaggio della psicologia come metafora interpretativa della coscienza collettiva nazionale. Così come l'individuo costruisce inconsciamente immagini di sé attraverso ricordi, rimozioni e desideri, anche una comunità politica produce narrazioni simboliche mediante le quali organizza il proprio passato e conferisce senso alla propria esistenza storica.

L'oggetto dell'indagine di Lourenço non è dunque la storia del Portogallo in quanto successione di eventi, ma la rappresentazione che i portoghesi elaborano della propria storia. In questa prospettiva il mito non viene considerato una semplice falsificazione della realtà né una leggenda da smascherare, ma una struttura simbolica capace di orientare profondamente la percezione collettiva del presente. Il problema nasce quando il mito cessa di essere riconosciuto come tale e viene assunto come spiegazione assoluta dell'identità nazionale.

Lourenço sostiene che la cultura portoghese ha progressivamente elaborato una serie di immagini mitiche, tra cui la saudade, il Sebastianismo e il mito imperiale, capaci di influenzare profondamente la coscienza nazionale. Tali miti non devono essere interpretati come semplici illusioni da eliminare, ma come forme simboliche attraverso cui una comunità attribuisce significato alla propria esperienza storica.

Tuttavia, il problema nasce quando queste rappresentazioni sostituiscono il confronto critico con la realtà e trasformano il passato in un modello idealizzato del presente.

La saudade non rappresenta per Lourenço l'essenza eterna dello spirito portoghese, come invece era stata interpretata dal Saudosismo di Teixeira de Pascoaes, ma un elemento centrale della mitologia nazionale attraverso cui il Portogallo elabora la propria relazione con il passato, la perdita e la memoria. La critica lourençiana non mira quindi a negare il valore culturale della saudade, bensì a sottrarla a una lettura essenzialista, mostrando come essa sia il risultato di un lungo processo storico di costruzione simbolica dell'identità portoghese.

Il punto di partenza dell'analisi di Lourenço risiede nella constatazione che l'identità portoghese è strutturalmente mediata da una complessa rete di miti auto-justificativi.

Nel pensiero dell'autore, la saudade può essere interpretata come il sintomo di una più ampia "nevrosi storica" portoghese, intesa non in senso clinico, ma come la manifestazione di un rapporto problematico della nazione con il proprio passato e con la propria immagine di sé. In *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português* (1978), Lourenço analizza infatti i meccanismi attraverso cui il Portogallo costruisce, nel corso dei secoli, una rappresentazione idealizzata del proprio destino storico. La sua opera si presenta come un'indagine critica sulle immagini che la cultura portoghese elabora di sé stessa, secondo quella che egli definisce una «psicanálise mítica», ovvero un processo di analisi dei miti e delle rappresentazioni collettive che condizionano la coscienza nazionale.

All'interno di questa prospettiva, la saudade non viene considerata da Lourenço come l'essenza eterna dello spirito lusitano, ma come uno dei principali sintomi simbolici attraverso cui il Portogallo esprime il proprio rapporto con la perdita, la memoria e il desiderio di un passato idealizzato. La saudade diviene così il segno di una tensione irrisolta tra realtà storica e immaginario nazionale: da una parte la consapevolezza della decadenza e della marginalità politica del Paese, dall'altra la persistenza del mito di una missione storica eccezionale, alimentato dall'epoca dei Descobrimentos, dal Sebastianismo e dalla memoria imperiale.

Questa consiste nella difficoltà del Portogallo di confrontarsi pienamente con il presente senza ricorrere continuamente alle immagini mitiche del passato. La funzione della "psicanálise mítica" proposta da Lourenço è proprio quella di rendere visibili tali meccanismi, non per eliminarli, ma per permettere una nuova consapevolezza critica dell'identità nazionale. La saudade conserva quindi un valore culturale fondamentale, ma viene sottratta alla dimensione di mito assoluto e ricondotta alla sua natura storica e simbolica.³

³ Eduardo Lourenço, *Op. Cit.*, p. 11

La metafora del «labirinto», che dà il titolo all'opera, descrive con precisione geometrica questa psicologia collettiva. Il labirinto lourençiano non è un luogo fisico, bensì uno spazio mentale, in cui il Portogallo gira a vuoto, prigioniero dei propri stessi fantasmi storici. Al centro di questo labirinto si colloca un'immagine mitizzata di sé che non corrisponde più alla realtà, ma che continua ad ipnotizzare ed incantare la coscienza nazionale. La saudade diventa così il filo conduttore e, al contempo, la parete invalicabile di questo labirinto: essa è il sentimento di mancanza di una grandezza che forse non è mai esistita nei termini gloriosi in cui viene ricordata, o il rimpianto per un ruolo storico globale che il paese ha da tempo perduto. La scelta della metafora del labirinto assume un significato particolarmente eloquente.

Nella tradizione occidentale il labirinto rappresenta uno spazio in cui l'uomo continua a muoversi senza riuscire a individuare una via d'uscita, pur rimanendo costantemente all'interno dello stesso perimetro. Lourenço applica questa immagine all'identità portoghese per descrivere una coscienza nazionale che ritorna incessantemente sugli stessi miti fondativi senza riuscire a oltrepassarli.

La peculiarità del “labirinto” analizzato da Eduardo Lourenço consiste nel fatto che esso non deriva esclusivamente da un condizionamento esterno imposto dalla storia europea, ma nasce soprattutto dal modo in cui il Portogallo elabora e interiorizza la propria immagine nel corso dei secoli. Come afferma lo stesso Lourenço, il suo obiettivo è costruire un «discurso crítico sobre as imagens que de nós temos forjado», cioè un'analisi delle rappresentazioni attraverso cui i portoghesi hanno interpretato sé stessi e il proprio destino storico. Il labirinto, dunque, è costituito da un insieme di miti e autorappresentazioni, tra cui la saudade, il Sebastianismo e il mito imperiale, che hanno svolto una funzione fondamentale nella costruzione dell'identità nazionale, ma che possono anche trasformarsi in forme di prigionia simbolica quando impediscono un confronto critico con la realtà presente.

4

La saudade costituisce il filo che guida ogni percorso all'interno del labirinto ma, allo stesso tempo, impedisce di uscirne definitivamente, poiché riconduce continuamente il soggetto verso la contemplazione nostalgica del proprio passato.

⁴ Ivi, pp. 11-12

Lourenço utilizza gli strumenti della critica culturale e della psicologia per trovare quello che definisce il «narcisismo dell'infelicità» portoghese.

Uno degli aspetti più significativi della riflessione di Eduardo Lourenço riguarda il rapporto problematico che il Portogallo intrattiene con la propria immagine storica. Secondo il filosofo, la questione centrale non consiste semplicemente nella conoscenza del passato nazionale, ma nel modo in cui tale passato viene trasformato in una rappresentazione simbolica attraverso cui il Paese ha continuato a interpretare sé stesso. Come chiarisce Lourenço nell'introduzione di *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, il suo intento non è quello di alimentare una generica «preocupação por Portugal», bensì di realizzare una vera e propria analisi delle immagini nazionali:

O assunto próprio do nosso livro é pois menos o da “preocupação por Portugal” [...] embora sem o relento narcisista de saber ou sofrer à Unamuno pelo “lugar que ocupamos no mundo”, que o de uma imagologia, quer dizer, um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado.⁵

Attraverso questa affermazione Lourenço individua il rischio di un atteggiamento autoreferenziale, nel quale la nazione tende a interrogarsi continuamente sulla propria eccezionalità, sulle proprie perdite e sulla propria marginalità storica. È proprio questa tendenza che la critica ha successivamente interpretato attraverso formule come “narcisismo dell'infelicità”: non un semplice compiacimento del dolore, ma la trasformazione della sofferenza storica in un elemento centrale dell'identità collettiva. La saudade, il Sebastianismo e il mito imperiale diventano così manifestazioni di un rapporto complesso con il passato, in cui la memoria della perdita rischia di sostituire il confronto diretto con la realtà presente.

Il Portogallo, secondo il pensatore, ha finito per compiacersi della propria stessa malinconia, trasformando la vulnerabilità e l'isolamento in un segno di elezione spirituale rispetto al resto d'Europa. Questa dinamica porta ad una forma di cecità storica che Lourenço analizza attraverso l'iper-identità. Uno degli aspetti più innovativi dell'analisi lourençiana consiste proprio nella formulazione di questo

⁵ Ivi, p. 18 (https://it.scribd.com/document/951526162/Eduardo-Lourenco-O-Labirinto-da-Saudade?utm_source=chatgpt.com#google_vignette)

concetto. Mentre gran parte delle riflessioni novecentesche sull'identità nazionale ruotano attorno alla perdita o alla crisi dell'identità, Lourenço sostiene paradossalmente che il Portogallo abbia sofferto del fenomeno opposto: un eccesso di identificazione con un'immagine idealizzata di sé: «A nossa identidade é uma hiperidentidade, resultado de um excesso de consciência de nós mesmos».

La coscienza nazionale portoghese non sarebbe stata indebolita dall'incertezza, bensì irrigidita dalla convinzione di possedere una missione storica unica e irripetibile. L'Iper-Identità nasce dall'incapacità di separare la memoria storica dalla costruzione mitica. Le imprese dei “Descobrimentos”, la figura di Camões, il Sebastianismo e la stessa saudade finiscono per fondersi in un'unica narrazione che presenta il Portogallo come un popolo eccezionale, sospeso tra la nostalgia del passato imperiale e l'attesa di un futuro riscatto.

Tale rappresentazione produce una forma di immobilità culturale, poiché ogni tentativo di confrontarsi con la realtà contemporanea viene inevitabilmente misurato rispetto a un passato percepito come irripetibile. L'Iper-Identità lusitana è un'identità puramente immaginaria, costruita sul discorso dei Descobrimentos e sulla retorica imperiale che lo Stato Novo di António de Oliveira Salazar (1889 – 1970) strumentalizza, congelando il paese in un eterno ieri ideologico e anestetizzando ogni spinta alla modernizzazione sociale e politica.

Un capitolo fondamentale di questa psicanalisi del destino portoghese riguarda la demolizione del Sebastianismo, che Lourenço legge non come un'innocua leggenda popolare o una suggestiva utopia poetica, ma come la prova provata del deficit di realismo che caratterizza la cultura nazionale.

A mistura de fanfarronice e humildade, de imprevidência moura e Vconfiança sebastianista, de inconsciência alegre e negro presságio, que constitui o fundo carácter português, está ligada a esse acto sem história que é para tudo quanto nasce o tempo do seu nascimento.⁶

Ma cos'è il Sebastianismo?

⁶ Ivi, p. 24.

La definitiva consacrazione della saudade come elemento mitologico e identitario avviene, tuttavia, attraverso un trauma storico di proporzioni catastrofiche: la sconfitta di Alcácer-Quibir nel 1578 e la conseguente scomparsa del giovane re Dom Sebastião (1554 – 1578). La morte del monarca senza eredi determina il crollo dell'indipendenza nazionale e l'assoggettamento del Portogallo alla corona spagnola degli Asburgo per sessant'anni. Questo periodo di dominazione straniera getta il paese in una profonda crisi esistenziale e psicologica. Privato della propria sovranità politica e della propria centralità storica, il popolo portoghese si rifugia nella dimensione del mito e del ricordo compensativo.

Nasce così il Sebastianismo, un complesso fenomeno culturale, messianico e profetico fondato sulla credenza incrollabile nel ritorno del «Re Desiderato» (*O Desejado*). La scomparsa di Dom Sebastião nella battaglia di Alcácer Quibir e il mancato ritrovamento del suo corpo alimentano la convinzione che il sovrano non sia realmente morto, ma che ritorni un giorno per liberare la patria e inaugurare un'epoca di giustizia, prosperità e splendore universale. Tale attesa messianica si intreccia successivamente con il mito del Quinto Impero, assumendo una dimensione più ampia nella tradizione profetica portoghese e trovando una nuova elaborazione nel pensiero di autori come Fernando Pessoa. Il Sebastianismo non è altro che la traduzione politica e metafisica della saudade: una memoria mitizzata del passato glorioso che si proietta nel futuro sotto forma di speranza messianica.

La saudade, perciò, cessa di essere semplicemente il rimpianto di ciò che si è perso e diventa una struttura di resistenza culturale.

Per Lourenço, dunque, il Sebastianismo non deve essere interpretato esclusivamente come un episodio della storia religiosa e politica portoghese, ma come una struttura mitica capace di influenzare il modo in cui il Portogallo ha elaborato la propria identità nel corso dei secoli. Tale prospettiva si inserisce nel progetto generale di *O Labirinto da Saudade*, che lo stesso autore definisce come un'analisi critica delle rappresentazioni nazionali: «O assunto próprio do nosso livro é pois menos o da “preocupação por Portugal” (...) que o de uma imagologia, quer dizer, um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado».⁷

⁷ Ivi, p. 18.

All'interno di questa «imagologia», intesa come analisi critica delle immagini attraverso cui una comunità costruisce la propria autorappresentazione, il sebastianismo assume un ruolo centrale, poiché costituisce una delle principali forme simboliche attraverso cui il Portogallo interpreta la propria storia. L'attesa del ritorno del sovrano perduto si trasforma così in un modello ricorrente di lettura della realtà nazionale, capace di sostituire alla dimensione storica concreta una rappresentazione mitica del destino portoghese. Come analizza Lourenço nel capitolo dedicato al «Sebastianismo: imagem e miragem»⁸, il mito sebastianista non appartiene soltanto al passato, ma continua a operare come forma simbolica attraverso cui la coscienza nazionale portoghese elabora il rapporto con la perdita, la speranza e il proprio destino storico.

Il mito del ritorno di Dom Sebastião viene infatti assunto come paradigma di una più ampia tendenza culturale a rimandare costantemente la soluzione delle crisi presenti a un evento futuro e salvifico. In questo senso il Sebastianismo diventa una categoria psicologica prima ancora che storica. Il mito del ritorno di Dom Sebastião viene infatti assunto da Eduardo Lourenço non soltanto come un episodio della storia politica e religiosa del Portogallo, ma come l'espressione di una struttura culturale più profonda, capace di condizionare il modo in cui la nazione interpreta il proprio destino storico. Il Sebastianismo, nella prospettiva lourençiana, non nasce esclusivamente dalla nostalgia per il sovrano scomparso nella battaglia di Alcácer Quibir, ma si inserisce all'interno di una tradizione messianica radicata nella cultura portoghese. Come afferma lo stesso Lourenço:

É o messianismo intrínseco da cultura portuguesa, tal como os seus poetas, os seus teólogos, os seus mitólogos, os seus cronistas, de Fernão Lopes a João de Barros, com insistência o apregoaram, que dá corpo ao sebastianismo, e não a mera nostalgia mais ou menos interessada pelo Desejado⁹.

Il mito sebastianista diventa una modalità di interpretazione della realtà fondata sull'attesa di una rigenerazione futura e sulla convinzione che una soluzione provvidenziale possa risolvere le crisi del presente.

⁸ Eduardo Lourenço, "Sebastianismo: imagens e miragens", in Idem, *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999, p. 142.

⁹ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 98.

Proprio per questo motivo, nella lettura di Lourenço, il Sebastianismo supera la sua dimensione storica originaria e continua a manifestarsi come struttura dell'immaginario nazionale anche dopo la scomparsa del contesto monarchico che lo genera. Il ritorno del «Re Desiderato» (O Desejado) diviene quindi il simbolo di una più ampia tendenza della cultura portoghese a cercare nel futuro la risposta alle proprie inquietudini storiche, trasformando l'attesa in una componente permanente della coscienza nazionale.

Ogni volta che la società portoghese attribuisce la propria rigenerazione all'arrivo di una figura provvidenziale o all'avvento di una nuova età dell'oro, essa riproduce inconsapevolmente la logica sebastianista.

Il problema, dunque, non riguarda la figura storica di Dom Sebastião, bensì la persistenza di una mentalità che tende a sostituire l'azione politica concreta con l'attesa messianica. Per Lourenço, infatti, coincide con la rinuncia esplicita all'azione storica concreta. Delegando il riscatto della patria a un evento miracoloso e a un salvatore mitico che giungerà dal mare e dalla nebbia, il popolo portoghese interiorizza uno stato di passività e di deresponsabilizzazione civile.

La saudade sebastianista è dunque una nostalgia del futuro che paralizza il presente, un'illusione ottica che trasforma l'impotenza politica in una sublime attesa metafisica.

L'importanza di *O Labirinto da Saudade* risiede anche nella sua valenza storica. Pubblicato nel 1978, il saggio di Eduardo Lourenço nasce in un momento di profonda trasformazione per il Portogallo: l'impero coloniale portoghese è ormai definitivamente crollato in seguito al processo di decolonizzazione avviato dopo la Rivoluzione dei Garofani del 1974. In questo contesto, centinaia di migliaia di cittadini portoghesi e di origine portoghese residenti nelle ex colonie africane, soprattutto in Angola e Mozambico, rientrano nella madrepatria, dando origine al fenomeno dei cosiddetti *retornados*.

Con il termine *retornados* si indicano infatti coloro che, dopo l'indipendenza delle colonie africane portoghesi tra il 1975 e il 1976, sono costretti o decidono di lasciare i territori in cui vivono per trasferirsi in Portogallo. Si tratta di una popolazione eterogenea, composta da coloni europei, funzionari dell'amministrazione coloniale,

militari smobilitati e famiglie nate o stabilitesi nei territori africani durante il periodo imperiale. Il loro ritorno rappresenta una delle conseguenze sociali più rilevanti della fine dell'impero, ponendo alla giovane democrazia portoghese problemi economici, politici e soprattutto identitari.

Il Portogallo si trova così improvvisamente a confrontarsi con la perdita della propria dimensione imperiale e con la necessità di ridefinire la propria collocazione storica all'interno della cornice democratica ed europea. È proprio in questo clima di crisi e ridefinizione dell'identità nazionale che si colloca la riflessione di Lourenço: *O Labirinto da Saudade* non rappresenta soltanto un'analisi filosofica dei miti portoghesi, ma anche un tentativo di comprendere le ragioni profonde per cui una nazione privata del proprio impero continua a confrontarsi con immagini, memorie e rappresentazioni del passato.

Per Lourenço, questo momento di crisi non è una catastrofe, bensì una irripetibile opportunità. Il crollo dell'impero costringe la nazione a guardarsi allo specchio senza i filtri deformanti della retorica salazarista o del misticismo della *saudade*. La fine del sogno coloniale segna la morte dell'iper-identità e l'inizio del faticoso, ma necessario apprendimento della normalità storica. Abbandonando l'idea mitica della nazione, i portoghesi sono chiamati a diventare cittadini di un'Europa moderna.

La riflessione di Eduardo Lourenço nasce dalla necessità di superare le immagini mitiche attraverso cui il Portogallo ha interpretato sé stesso nel corso della storia. Dopo la perdita dell'impero e la crisi delle grandi narrazioni identitarie, il filosofo invita il paese a confrontarsi con la propria realtà senza rifugiarsi in rappresentazioni idealizzate del passato. Come afferma nell'opera:

Chegou o tempo de nos vermos tais quais somos, o tempo de uma nacional redescoberta das nossas verdadeiras riquezas, potencialidades, carências, condição indispensável para que algum dia possamos conviver connosco mesmos com um mínimo de naturalidade.¹⁰

¹⁰ Ivi, p. 80.

Attraverso queste parole, Lourenço sottolinea la necessità di una nuova consapevolezza nazionale fondata sull'accettazione della propria complessità storica, oltre i miti consolatori del passato.

La decostruzione del labirinto non mira alla perdita dell'identità culturale portoghese, ma alla sua liberazione: solo liberandosi dall'obbligo di essere un popolo speciale, il Portogallo può finalmente abitare la propria contemporaneità con realismo e maturità critica.

In conclusione, l'intervento di Eduardo Lourenço alla comprensione della saudade risiede nell'averla sottratta all'ambito dell'ingenuità essenzialista per consegnarla a quello della responsabilità critica.

La sua «psicanalisi mitica» si offre come un modello metodologico imprescindibile per gli studi culturali contemporanei, dimostrando come l'identità di una nazione sia un testo suscettibile di continue letture e riscritture. Il saggio lourençiano rimane una guida fondamentale per evitare che la memoria storica si traduca in stabilità nostalgica, ricordandoci che il vero superamento del labirinto non consiste nel negare il passato, ma nel cessare di viverlo come se fosse l'unica dimora possibile dell'anima collettiva.

La sua «psicanalisi mitica» si offre come un modello metodologico fondamentale per gli studi culturali contemporanei, poiché permette di analizzare il modo in cui una nazione costruisce, interpreta e rielabora continuamente la propria identità. Lourenço non considera i miti nazionali come semplici illusioni da eliminare, ma come immagini storiche e simboliche che devono essere sottoposte a un'indagine critica.

O assunto próprio do nosso livro é pois menos o da “preocupação por Portugal” [...] embora sem o relento narcisista de saber ou sofrer à Unamuno pelo “lugar que ocupamos no mundo”, que o de uma imagologia, quer dizer, um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado.¹¹

¹¹ Ivi, p. 18.

1.3 Il Saudosismo e la critica di Lourenço

Per comprendere appieno la portata rivoluzionaria dell'intervento critico di Eduardo Lourenço all'interno del panorama intellettuale lusitano, è indispensabile analizzare il nucleo teorico del Saudosismo, il movimento ideologico e letterario che all'inizio del XX secolo formalizza la saudade come punto metafisico.

Il Saudosismo, sorto attorno alla figura carismatica di Teixeira de Pascoaes (1877-1952) e alla rivista "A Águia" nel contesto post-monarchico della Renascença Portuguesa, non rappresenta una semplice corrente poetica. Si tratta di un progetto di rigenerazione totale della nazione che intende rispondere alla profonda crisi storica e spirituale del Portogallo, contrapponendo al materialismo e al positivismo dell'Europa industrializzata la specificità mistica e affettiva dell'anima lusitana.

La fine della monarchia, l'instabilità politica della Prima Repubblica e la diffusa percezione della decadenza rispetto all'antica grandezza imperiale alimentano negli intellettuali dell'epoca la convinzione che è necessario individuare un principio capace di restituire unità spirituale alla nazione

Per Teixeira de Pascoaes, la saudade costituisce l'espressione più autentica dell'anima portoghese, non riducibile a un semplice sentimento di nostalgia per ciò che è stato perduto. Essa rappresenta invece una forza spirituale e creatrice capace di unire memoria, immaginazione e tensione verso l'infinito. *In Arte de Ser Português (1915)*, Pascoaes interpreta la saudade come il tratto distintivo della sensibilità lusitana, un sentimento in cui il ricordo del passato non conduce alla passività, ma diventa principio di creazione poetica e di elevazione spirituale. Come afferma l'autore: «A Saudade» é «a alma da Raça».¹²

Attraverso questa concezione, Pascoaes eleva la saudade da esperienza individuale a categoria collettiva e metafisica: essa diviene il modo specificamente portoghese di percepire il rapporto tra realtà e sogno, tra ciò che è stato e ciò che deve ancora manifestarsi. La saudade assume così una funzione generatrice, poiché

¹² Teixeira de Pascoaes, *Arte de Ser Português*, Lisboa, Edições Roger Delraux, 1988, p. 39.

trasforma l'assenza in possibilità creativa e apre l'anima verso una dimensione universale e trascendente.¹³

L'uomo, attraverso la saudade, non si limita a ricordare il passato, ma trasforma l'assenza in possibilità, facendo della mancanza un principio di continua rigenerazione spirituale.

In questa prospettiva la saudade assume un valore quasi cosmico, diventando il punto d'incontro tra dimensione terrena e trascendenza religiosa. L'originalità del progetto saudosista risiede proprio nell'aver attribuito a un sentimento una funzione filosofica e politica. La rigenerazione del Portogallo non sarebbe dovuta passare attraverso riforme economiche o istituzionali, bensì attraverso una rinascita interiore della coscienza nazionale.

La cultura viene così investita di una missione salvifica: letteratura, poesia e riflessione filosofica diventano gli strumenti privilegiati mediante i quali il paese avrebbe potuto recuperare la propria autenticità storica. La saudade, pertanto, cessa di essere un elemento della sensibilità individuale per diventare un vero e proprio paradigma interpretativo della storia portoghese. È proprio questa trasformazione che Eduardo Lourenço considera problematica.

A suo giudizio, il Saudosismo non si limita infatti a descrivere un tratto della cultura portoghese, ma finisce per costruire un'immagine essenzializzata della nazione, presentandola come depositaria di una vocazione storica unica e irripetibile. «O saudosismo é, com efeito, a expressão acabada de uma consciência nacional que se quer reencontrar a si mesma através da imagem idealizada do seu passado.»¹⁴

In questo passaggio la riflessione filosofica si trasforma progressivamente in un discorso identitario, nel quale la complessità della storia viene ricondotta a un'unica categoria interpretativa. Il rischio di tale operazione consiste nel confondere una costruzione culturale con una presunta verità ontologica, trasformando la saudade da espressione storica e simbolica della cultura portoghese in un destino immutabile della nazione. Questa è la prospettiva critica da cui parte Eduardo Lourenço, dove analizza il modo in cui il Portogallo ha elaborato immagini di sé stesso

¹³ Ivi, pp. 91; 107; 113.

¹⁴ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op.cit., p. 25.

fino a renderle elementi fondanti della propria identità. Come afferma l'autore, il suo obiettivo è «um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado»¹⁵. La riflessione lourençiana invita quindi a distinguere tra la realtà storica del Portogallo e le rappresentazioni mitiche attraverso cui il paese ha interpretato il proprio destino.

In *O Labirinto da Saudade*, Lourenço invita invece a considerare la saudade come un prodotto della storia e non come la sua causa. Essa è il risultato di un lungo processo di elaborazione simbolica che coinvolge la letteratura, la religione, la memoria collettiva e la riflessione filosofica. Attribuirle il ruolo di fondamento eterno dell'identità nazionale significa, secondo il filosofo, trasformare un'esperienza storicamente determinata in un principio assoluto, impedendo così una lettura critica delle trasformazioni sociali e politiche del Portogallo contemporaneo. Questa prospettiva rappresenta uno dei punti di maggiore distanza tra Pascoaes e Lourenço.

Se il primo tende a identificare la saudade con l'essenza stessa dell'essere portoghesi, il secondo insiste sul carattere storico e discorsivo dell'identità nazionale. Nessuna identità collettiva può essere considerata immutabile o naturale: ogni comunità costruisce nel tempo le proprie rappresentazioni di sé stessa, selezionando alcuni eventi del passato, attribuendo loro nuovi significati e trasformandoli in elementi fondanti della propria memoria. È proprio questo processo di costruzione simbolica dell'identità nazionale che Eduardo Lourenço analizza, definendo il proprio lavoro come «um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado».¹⁶

La saudade diventa così, nella lettura lourençiana, non il destino del Portogallo, ma il linguaggio attraverso cui il Portogallo ha scelto di raccontare il proprio destino. Elevando la saudade a categoria ontologica suprema, Pascoaes la definiva come una forza cosmica dinamica, una sintesi tra il paganesimo legato alla terra e il trascendentalismo cristiano proteso verso l'infinito. Questo tentativo di trasformare la saudade nel principio fondante e quasi assoluto dell'identità portoghese viene sottoposto da Eduardo Lourenço a un'analisi critica all'interno di *O*

¹⁵ Ivi, p. 18.

¹⁶ *Ibidem*.

Labirinto da Saudade. Il filosofo non nega il valore culturale della saudade e del Saudosismo, ma mette in discussione il processo attraverso cui un'esperienza storica e poetica viene trasformata in un'essenza immutabile della nazione. In questa prospettiva, il Saudosismo rappresenta uno dei momenti più significativi della costruzione mitica dell'identità portoghese, poiché contribuisce a elaborare un'immagine della nazione fondata su una presunta vocazione spirituale e storica.

Lungi dall'essere uno strumento di emancipazione o di risveglio spirituale, il movimento pascoaesiano viene interpretato dal filosofo come la forma definitiva di una patologia culturale.

La critica di Lourenço si articola lungo due linee guida fondamentali: da un lato, egli svela il carattere artificiale ed essenzialista della dottrina saudosista; dall'altro, ne mette a nudo la funzione ideologica di mistificazione della realtà storica e di alienazione della coscienza collettiva.

Il primo bersaglio della riflessione critica di Lourenço riguarda non la saudade in sé, né il suo valore poetico e culturale, ma il processo attraverso cui essa viene trasformata in un principio assoluto dell'identità nazionale. Il filosofo mette infatti in discussione quelle interpretazioni che hanno attribuito alla cultura portoghese un'essenza stabile e immutabile, fondata su una presunta specificità spirituale della saudade. Il problema, nella prospettiva lourençiana, nasce quando un'esperienza storica e simbolica viene elevata a destino collettivo, trasformando una modalità attraverso cui il Portogallo ha interpretato sé stesso in una presunta verità eterna sulla natura della nazione.

Tale critica si inserisce nel progetto generale di *O Labirinto da Saudade*. La sua «psicanálise mítica» non mira quindi a cancellare i miti nazionali, ma a mostrarne il carattere costruito e il ruolo che hanno avuto nella formazione dell'immaginario portoghese. In questo senso, il bersaglio della decostruzione lourençiana non è la tradizione culturale della saudade, ma la sua trasformazione in un mito identitario assoluto capace di determinare, in modo esclusivo e definitivo, il destino del Portogallo.

Pascoaes e i suoi seguaci operano una vera e propria divinizzazione del termine, trasformandolo nel culto dell'anima portoghese. Lourenço smaschera

questa operazione dimostrando come tale pretesa specificità ontologica sia in realtà un costrutto ideologico compensativo.

La nazione, incapace di confrontarsi con la propria decadenza politica e con il proprio isolamento geografico all'interno del contesto europeo, ha convertito la propria marginalità in una presunta superiorità spirituale

O assunto próprio do nosso livro é pois menos o da “preocupação por Portugal”, preocupação que está inclusa por definição em todas as tentativas de autognose, embora sem o relento narcisista de saber ou sofrer à Unamuno pelo “lugar” que ocupamos no mundo, que o de uma imagologia, quer dizer, um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado.¹⁷

Il Saudosismo prende la vulnerabilità psicologica e storica di un popolo e la glorifica come un segno di elezione metafisica.

Secondo Eduardo Lourenço, una delle caratteristiche della cultura portoghese consiste nella tendenza a elaborare simbolicamente le proprie crisi storiche, trasformando esperienze di perdita e marginalità in immagini capaci di conferire un significato superiore al destino nazionale. In questa prospettiva, il Saudosismo rappresenta uno dei momenti in cui la saudade viene elevata da sentimento storico e poetico a principio interpretativo dell'identità portoghese. Il rischio individuato da Lourenço è che una condizione concreta, la decadenza politica, la perdita dell'impero e la posizione periferica del Portogallo rispetto all'Europa, venga reinterpretata come segno di una particolare vocazione spirituale della nazione.

Come afferma Lourenço, il suo obiettivo è analizzare criticamente «as imagens que de nós mesmos temos forjado»;¹⁸ proprio queste immagini, secondo il filosofo, possono trasformare una realtà storica complessa in una rappresentazione mitica del destino portoghese.

Per Lourenço, questa sacralizzazione della saudade produce un cortocircuito logico e filosofico. Definendo l'identità nazionale attraverso un sentimento che è per definizione nostalgia dell'assente e celebrazione della mancanza, il Saudosismo finisce per fondare l'essere del Portogallo sul non-essere. Il Portogallo dei saudosisti

¹⁷ *Ibidem.*

¹⁸ *Ibidem.*

esiste solo in quanto ricorda di essere stato o in quanto attende di essere; non esiste mai nella pienezza del proprio presente storico. La saudade interiorizzata da Pascoaes non è una forza attiva e creatrice, come il poeta pretendeva, ma una retorica dell'anima che sostituisce l'azione con la contemplazione ipnotica del proprio vuoto interiore. La saudade elaborata da Pascoaes, pur rappresentando una forza creatrice e spirituale all'interno del progetto del Saudosismo, viene sottoposta da Eduardo Lourenço a una lettura critica. Nella prospettiva lourençiana, il rischio di tale concezione consiste nel trasformare un sentimento culturale in un principio assoluto dell'identità nazionale, favorendo un ripiegamento sull'immagine che il Portogallo ha costruito di sé stesso invece di un confronto diretto con la propria realtà storica. In questo senso, la saudade può essere interpretata non più soltanto come energia creatrice, ma anche come una forma di interiorizzazione del passato e della perdita.

La dottrina saudosista diventa così la complice intellettuale di quel "narcisismo dell'infelicità" che Lourenço individua come la tara principale della psicologia lusitana: «O Saudosismo será, mais tarde, a tradução poético-ideológica desse nacionalismo místico, tradução genial que representa a mais profunda e sublime metamorfose da nossa realidade vivida e concebida como irreal».¹⁹

Un aspetto centrale della critica di Lourenço riguarda le implicazioni politiche e sociali della monumentalizzazione della saudade. Sebbene il Saudosismo fosse nato in un'atmosfera di fervore repubblicano e con intenti apparentemente rivoluzionari, la sua struttura concettuale si prestava a una pericolosa deriva conservatrice. Lourenço evidenzia come la retorica dell'eterno ieri, il misticismo della terra e la celebrazione del fatalismo insiti nel discorso saudosista, abbiano offerto la base ideologica ideale per la successiva architettura dello Stato Novo guidato da Salazar.

Lourenço evidenzia come alcune componenti del discorso saudosista, il culto del passato, il legame simbolico con la terra e la tendenza a interpretare la storia portoghese attraverso categorie spirituali e provvidenziali, contribuiscano alla formazione di un immaginario nazionale successivamente riutilizzato anche dallo Stato Novo. Il filosofo mostra infatti come il regime salazarista costruisca una

¹⁹ Ivi, p. 25.

rappresentazione idealizzata del Portogallo, trasformando elementi della tradizione nazionale in strumenti di legittimazione politica. Come afferma Lourenço:

O Estado Novo, curiosa mistura, em seus começos, de inegável sucesso, de arcaísmo e vanguardismo, não se limitou a prolongar o nacionalismo tradicional. Criou uma imagem de Portugal tão perfeita que a ela não se podia contrapor outra.²⁰

Attraverso questa analisi, Lourenço non stabilisce un rapporto di causa diretta tra Saudosismo e salazarismo, ma mostra come determinati miti culturali della tradizione portoghese potessero essere reinterpretati e inglobati in una visione politica fondata sull'idea di una specificità e di una missione nazionale.

Il regime salazarista facilmente si appropria della saudade, togliendole ogni residuo lirismo cosmico per trasformarla in uno strumento di controllo sociale e di pacificazione politica. Il quietismo e la rassegnazione, che storicamente accompagnano il sentimento della saudade, vengono istituzionalizzati dal regime attraverso la triade propagandistica del "Fado, Fátima e Futebol", in cui la malinconia ancestrale viene declinata come accettazione passiva della propria condizione di indigenza materiale e di oppressione politica.

La formula critica «Fado, Fátima e Futebol» viene utilizzata dagli studi sul salazarismo per indicare alcuni strumenti simbolici attraverso cui il regime costruisce un'immagine rassicurante e tradizionale della nazione portoghese. Come osserva Eduardo Lourenço, il problema non risiede negli elementi culturali in sé, ma nella loro trasformazione in immagini assolute del destino nazionale: «Criou uma imagem de Portugal tão perfeita que a ela não se podia contrapor outra». Il regime salazarista utilizza così simboli già presenti nell'immaginario collettivo portoghese per rafforzare una visione idealizzata e immobile della realtà nazionale.

Lourenço accusa il Saudosismo di aver spianato la strada a questa anestesia collettiva. Insegnando ai portoghesi che la vera grandezza risiede nell'invisibile, nello spirito e nel ricordo, la cultura nazionale li priva degli strumenti critici per rivendicare

²⁰ Ivi, p. 24 (https://ensina.rtp.pt/artigo/o-labirinto-da-saudade-breve-introducao-ao-ensaio-de-eduardo-lourenco/?utm_source=chatgpt.com);

una grandezza reale nel campo dei diritti, dello sviluppo economico e della democrazia.

La saudade filosofica elaborata dal Saudosismo, da principio interpretata come forza rigeneratrice dell'anima portoghese, rischia secondo Lourenço di trasformarsi in una forma chiusa di autorappresentazione nazionale. La svolta verso una modernità critica si realizza invece con l'emergere del modernismo di Orpheu (1915), che mette in discussione le forme tradizionali dell'identità portoghese. In questo contesto, Fernando Pessoa afferma la necessità di superare una visione puramente nostalgica del passato attraverso una nuova coscienza creativa: «Valeu a pena? / Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena».²¹ La frase, tratta da *Mensagem*, sintetizza una concezione della storia portoghese non fondata soltanto sulla memoria della perdita, ma sulla capacità di trasformare il passato in possibilità futura.

Pessoa, che in una prima fase guarda con interesse alle teorie di Pascoaes scrivendo saggi sulla "nuova poesia portoghese", sperimenta ben presto il fallimento intrinseco del Saudosismo.

Per Lourenço, l'invenzione dell'eteronomia pessoana non è altro che la risposta ironica, lucida e radicale all'ingenuità monolitica di Pascoaes. Laddove il Saudosismo cercava di unificare l'anima portoghese sotto il segno di un'unica essenza nostalgica, Pessoa frammenta il soggetto in una molteplicità di voci, dimostrando che l'identità non è un blocco di granito spirituale, ma un teatro di maschere e di finzioni.

Pessoa supera il Saudosismo portandone la problematica alle estreme conseguenze: se la saudade aveva trasformato l'assenza e il desiderio in elementi centrali dell'identità portoghese, Pessoa interiorizza questa condizione fino a farne una crisi dell'identità individuale e collettiva. Nella lettura di Eduardo Lourenço, il poeta rappresenta il momento in cui il Portogallo cessa di cercare una definizione mitica di sé stesso e si confronta con la propria frammentazione. L'identità non appare più come un'essenza stabile, ma come una costruzione continuamente problematica, sospesa tra sogno, memoria e impossibilità di compimento.

²¹ Si tratta del poema «Mar Português» (cfr: Fernando Pessoa, *Mensagem*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1934, p. 70).

Attraverso l'ironia e la scomposizione del sé, Pessoa svuota dall'interno la retorica saudosista, trasformando la saudade da dogma metafisico nazionalista in uno strumento di indagine esistenziale universale. Lourenço legge in questo passaggio la fine dell'innocenza mitica del Portogallo e l'ingresso forzato della sua letteratura nella modernità occidentale, una modernità segnata dalla perdita delle certezze identitarie e dal confronto con il frammento e il vuoto.

La sua poesia non cerca più una definizione stabile dell'essere portoghese, ma mette in scena la frammentazione dell'io, la distanza tra esperienza e rappresentazione e l'impossibilità di una completa coincidenza con sé stessi. Come afferma Pessoa nell'Autopsicografia:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.²²

Attraverso il concetto di fingimento, Pessoa mostra come la verità poetica non coincida con la semplice espressione del sentimento, ma nasca dalla sua trasformazione creativa. Eduardo Lourenço interpreta questo passaggio come il superamento dell'innocenza mitica del Portogallo: con Pessoa la letteratura portoghese entra pienamente nella modernità, confrontandosi con la crisi delle certezze identitarie e con una nuova esperienza del frammento e della molteplicità dell'io.

La critica di Eduardo Lourenço al Saudosismo non si configura come un semplice esercizio di demolizione della tradizione nazionale, ma come un tentativo di analizzare criticamente i miti attraverso cui il Portogallo ha costruito la propria immagine. La sua «psicanálise mítica» assume infatti la funzione di una revisione della coscienza storica collettiva, volta a distinguere la realtà del paese dalle rappresentazioni idealizzate elaborate nel corso dei secoli. Come afferma Lourenço, il nazionalismo mistico rappresenta una «fuga estelar a um encontro com a nossa

²² Fernando Pessoa, «Autopsicografia», *Presença*, n. 36, Coimbra, Novembre 1932, p. 9.

autêntica realidade», cioè un tentativo di sottrarsi al confronto con la realtà storica attraverso la sua trasfigurazione mitica». ²³

La sua riflessione mira, dunque, a interrompere questa distanza tra il Portogallo reale e il Portogallo immaginato, affinché il paese possa confrontarsi con la propria storia senza ricorrere esclusivamente ai miti compensatori del passato. Liquidare l'illusione speculativa di Pascoaes significa, per il filosofo, liberare la saudade dal suo sequestro ideologico e restituirla alla sua dimensione autentica: quella di un'esperienza poetica ed esistenziale legittima, ma che non può e non deve più pretendere di dettare le linee guida del destino politico ed economico di una nazione.

Attraverso la decostruzione del Saudosismo, Lourenço propone quindi il passaggio da un'identità mitica e ipnotica a un'identità disincantata e responsabile.

Il Portogallo del post 1974, integrato nei processi di secolarizzazione e modernizzazione europei, deve imparare a guardare al Saudosismo come a un capitolo affascinante ma concluso della propria storia intellettuale.

Solo recidendo il cordone ombelicale che lega la coscienza nazionale a quella teologia della nostalgia, il popolo portoghese può smettere di essere spettatore malinconico del proprio passato e diventare, finalmente, l'autore consapevole del proprio presente.

Solo recidendo il legame che unisce la coscienza nazionale a una visione esclusivamente nostalgica del proprio passato, il Portogallo può superare una relazione mitica con la propria storia e assumere una posizione più consapevole nel presente. È proprio questo il senso della riflessione di Eduardo Lourenço in *O Labirinto da Saudade*: non negare il valore della memoria e dei miti nazionali, ma riconoscerne il carattere costruito e superarli quando impediscono una comprensione critica della realtà. Come afferma l'autore: «Chegou o tempo de nos vermos tais quais somos». ²⁴

²³ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*. Psicanálise Mítica do Destino Português, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988, p. 25.

²⁴ Ivi, p. 80.

Attraverso questa esigenza di «vedersi così come si è», Lourenço invita il Portogallo ad abbandonare le immagini consolatorie del passato e a costruire un rapporto più autentico con il proprio presente storico.

1.4 Il concetto del Quinto Impero tra messianismo e identità

Se la storia delle nazioni europee si fonda in larga misura su conquiste territoriali, istituzioni giuridiche e processi di accumulazione economica, la storia del Portogallo presenta la singolarità di edificarsi, in punti cruciali del suo percorso, attorno a un'architettura rigorosamente mitica.

Tra i dispositivi simbolici che compongono il patrimonio immateriale della lusitanità, il mito del Quinto Impero occupa senza dubbio un posto di primissimo piano.

Lungi dall'esaurirsi in un'isolata fantasia poetica o in un bizzarro relitto teologico, l'idea di un Quinto Impero universale rappresenta una vera e propria costante ermeneutica della cultura portoghese, una lente attraverso cui la nazione tenta di interpretare la propria missione nel mondo e di risarcire le proprie ferite storiche.

Affondando le sue radici nella tradizione profetica biblica del “Libro di Daniele” e trovando nel XVII secolo la sua prima organica formalizzazione con il Padre António Vieira (1608-1697), il mito attraversa i secoli per giungere al Novecento, dove incontra la straordinaria rielaborazione estetica e filosofica di Fernando Pessoa in *Mensagem* (1934).

Tuttavia, per comprendere la complessa natura psicologica, politica ed esistenziale del Quinto Impero all'interno della modernità, è indispensabile ricorrere all'attenta analisi di Eduardo Lourenço.

Nel suo saggio, Lourenço sottopone l'utopia del Quinto Impero a una vera e propria «psicanálise mítica» dell'identità nazionale. Riferendosi alla concezione pessoana, egli si domanda se il Quinto Impero non sia altro che «a conversão em mito

do irrealismo histórico de uma nação condenada desde a origem a esgotar-se em sonhos maiores que ela mesma». ²⁵

Nella prospettiva lourençiana, il messianismo lusitano non viene celebrato come un segno di superiorità metafisica, bensì decostruito come il sintomo primario di una patologia dell'identità: un meccanismo compensativo attraverso cui una nazione, ferita dalla perdita del proprio impero materiale e confinata ai margini dell'Europa, tenta di trasfigurare la propria impotenza storica in un primato spirituale e profetico.

Per collocare rigorosamente la riflessione dell'autore, è necessario anzitutto ricostruire la traiettoria genealogica del mito. L'archetipo del Quinto Impero trova la sua matrice biblica nella visione del profeta Daniele, nel quale si interpretano i quattro imperi della storia umana (Assiro-Babilonese, Persiano, Greco e Romano) come destinati a essere travolti e sostituiti da un "Quinto Impero", un regno eterno stabilito direttamente da Dio che non viene mai distrutto.

Nella *História do Futuro*, Vieira afferma: «É conclusão certa e de fé que este Quinto Império de que falamos, anunciado e prometido pelos Profetas, é o Império de Cristo e dos Cristãos». ²⁶

Attraverso questa interpretazione, Vieira attribuisce al Portogallo una funzione provvidenziale nella storia universale: il paese non è soltanto una potenza politica, ma lo strumento attraverso cui si realizzerà un futuro ordine spirituale fondato sulla fede cristiana.

Nel contesto portoghese questa suggestione millenaristica si fonde, tra la fine del XVI e l'inizio del XVII secolo, con il trauma nazionale della scomparsa del giovane re Dom Sebastião nella trágica battaglia di Alcácer-Quibir.

È in questo clima di frustrazione e di ansia di riscatto che la figura del gesuita António Vieira si erge a teorico supremo del messianismo lusitano. Nella sua "História do Futuro" (1718) e nei suoi trascinanti sermoni, Vieira reinterpreta la

²⁵ Ivi, pp. 111-112.

²⁶ António Vieira, *História do Futuro*, introdução, actualização do texto e notas de Maria Leonor Carvalho Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, p. 83 (https://www.snpcultura.org/impressao_digital_padre_antonio_vieira_missao_ibiapaba.html?utm_source=chatgpt.com);

Bibbia e le profezie popolari del calzolaio di Trancoso, Gonçalo Annes Bandarra, per assegnare al Portogallo un ruolo provvidenziale unico nella storia dell'umanità. Per Vieira, la liberazione del Portogallo dal giogo spagnolo nel 1640 e la vastità dei suoi domini marittimi in Brasile, Africa e Asia, non sono accadimenti accidentali della storia, ma prove inconfutabili dell'elezione divina del popolo lusitano.

Nella *História do Futuro*, Vieira interpreta infatti la storia portoghese come parte di un progetto divino più ampio, affermando: «Portugal nasceu para ser cabeça de um grande Império, não só temporal, mas espiritual, porque assim o ordenou a Providência divina».²⁷

La monarchia portoghese viene quindi inserita all'interno di una visione profetica della storia: la perdita dell'indipendenza durante il periodo filippino (1580-1640), la restaurazione del 1640 e la presenza portoghese nei territori d'oltremare assumono il significato di tappe verso la realizzazione del Quinto Império cristiano.

Il Portogallo è destinato a fondare il Quinto Impero: un impero universale e teocratico, guidato da un sovrano risorto o prescelto, in cui tutta l'umanità sarà riunita sotto un'unica fede e sotto una sola pace universale.

L'idea secondo cui il Portogallo è destinato a realizzare il Quinto Império appartiene principalmente alla visione profetica di Padre António Vieira. Nella sua interpretazione, il futuro impero portoghese non ha soltanto una dimensione politica, ma soprattutto spirituale: è un regno universale fondato sulla fede cristiana e sulla pace tra i popoli. Nella *História do Futuro*, Vieira elabora infatti una lettura provvidenzialistica della storia, nella quale il Portogallo assume il ruolo di strumento della volontà divina. «É que é necessário, e de uma necessidade total, que todos os homens em geral hão de conhecer a Deus e a crer em Cristo».²⁸

La visione di Vieira, pur nutrendosi di elementi mistici e misteriosi, mantiene un legame fortissimo con la concretezza della politica imperiale del XVII secolo. L'impero di Vieira è un impero universale ma ancora visibile, temporale e geografico. Il Portogallo, nazione numericamente piccola e militarmente modesta rispetto alle

²⁷ Ivi, p. 83.

²⁸ António Vieira, *Clavis Prophetarum / Chave dos Profetas*. Livro III, ed. crítica, fixação do texto, tradução, notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo, segundo projecto iniciado por Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2000, p. 477.

grandi potenze continentali, viene investito di una dignità sconfinata, divenendo l'asse attorno a cui deve ruotare la salvezza dell'intero genere umano.

Questo corto circuito tra la piccolezza dei mezzi reali e la vastità del disegno divino è l'elemento che Lourenço individua come il nucleo originario dell'illusione di grandezza lusitana.

É difícil conceber que a confusão entre o real e o sonho possa ir mais longe do que o foi na cabeça do António Vieira das alegações diante do Santo Ofício, mistura única de lucidez delirante e delírio divino. Nele se operou como em ninguém mais a conversão da nossa longa ansiedade pelo destino pátrio em exaltada aleluia, a transfiguração do simples cantar de amigo com que nos embalámos no alvorecer inquieto, em cantata sublime ao Quinto Império.²⁹

Nel corso dei secoli XVIII e XIX, sotto la spinta dell'Illuminismo e del positivismo, il mito del Quinto Impero e il Sebastianismo sembrano regredire a superstizione popolare o a bizzarria folklorica.

Tuttavia, all'inizio del Novecento, con la nascita del Modernismo e la pubblicazione di "Mensagem" di Fernando Pessoa nel 1934, il mito conosce una resurrezione inaspettata e folgorante, subendo una trasmutazione alchemica fondamentale. Pessoa opera un radicale processo di secolarizzazione estetica del discorso di Vieira. Il poeta non crede più in una teocrazia cattolica né in un riscatto militare del regno; eppure, mantiene intatta la struttura profetica ed esoterica del Quinto Impero.

Nell'opera, il Quinto Império perde ogni residuo di materialità geografica per trasformarsi in un impero prevalentemente culturale, spirituale e poetico. Pessoa non immagina infatti una nuova espansione territoriale del Portogallo, ormai impossibile nel contesto moderno, ma una rinascita simbolica fondata sulla cultura e sulla creazione. Questa idea emerge chiaramente nel verso «Senhor, falta cumprir-se Portugal!»³⁰, nel quale il poeta presenta il destino portoghese non come un passato concluso, ma come una missione ancora da realizzare.

²⁹ Eduardo Lourenço, *op. cit.*, p. 21.

³⁰ Si tratta del poema «O Infante» (Cfr. Fernando Pessoa, *Mensagem*, Lisboa, Planeta de Agostini, 2006, p. 49).

Il poeta, di conseguenza, compie una mossa di geniale compensazione simbolica: dichiara che tutti gli imperi del passato e del presente, basati sulla forza bruta e sull'oro, sono imperi "morti" o puramente fisici. Il vero impero definitivo, il Quinto, sarà l'Impero della Cultura, fondato sulla lingua portoghese, sul pensiero speculativo, sulla poesia e sulla sintesi suprema tra ragione e intuizione. In questa cornice, la figura di Dom Sebastião si smaterializza del tutto: il "Desejado" o l'"Encoberto" non è più il re in carne e ossa atteso dalla nebbia, ma è la metafora dell'Anima Portoghese che deve risvegliarsi dal suo sonno secolare per donare al mondo una nuova civiltà.

La saudade, in Pessoa, subisce parallelamente la sua metamorfosi più alta. Essa cessa di essere il pianto malinconico sulle rovine delle antiche caravelle per trasformarsi in "saudade do futuro": la tensione spasmodica verso ciò che non è ancora stato, il desiderio di realizzare quel Quinto Impero invisibile che riscatta la miseria del presente.

Pessoa trasforma il deficit di realtà del Portogallo nella sua risorsa spirituale suprema: il Portogallo è nulla nel presente storico precisamente perché è destinato a essere tutto nel futuro della cultura universale. «Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.»³¹ È proprio di fronte a questo insieme di miti che si inserisce la forte critica sviluppata da Eduardo Lourenço in *O Labirinto da Saudade*. L'autore non si lascia incantare dalla bellezza formale della poesia pessoana né dalla maestosità della visione di Vieira; al contrario, si interroga sulla funzione psicologica e sociale che il mito del Quinto Impero esercita sulla coscienza collettiva del popolo portoghese. La risposta di Lourenço è spietata: il Quinto Impero è la manifestazione più raffinata del «narcisismo dell'infelicità» e del «delirio di compensazione» che caratterizzano la psicologia lusitana. Questa costruzione messianica non esprime, dunque, soltanto la speranza nazionale, ma può essere interpretata anche come una forma di compensazione simbolica rispetto alle fratture della storia portoghese. Il rischio è che il Portogallo sostituisca il confronto con la propria realtà storica con immagini

³¹ Si tratta del poema «Mar Português» (Ivi, p.50).

idealizzate del proprio destino. «A nossa história aparece-nos assim como uma história de uma fuga permanente à nossa própria realidade». ³²

In questa prospettiva, il Quinto Império può essere letto come una delle forme più elaborate attraverso cui la cultura portoghese cerca di trasformare la perdita e la marginalità in una promessa di grandezza futura.

Il mito del Quinto Impero ha offerto la scappatoia ideale: un'illusione ottica che consente di interpretare l'assenza di peso storico nel presente come un segno di distinzione e di elezione metafisica. Invece di interrogarsi sulle cause reali del proprio ritardo economico, della propria arretratezza sociale e della mancanza di uno spirito critico e scientifico, la nazione si accomoda nell'idea di essere la depositaria di un destino segreto.

Lourenço dimostra come questo messianismo produca una forma di alienazione profonda che egli definisce "iper identità". L'Iper-Identità è un'identità puramente fantastica, una maschera gloriosa che la coscienza nazionale indossa per non vedere il proprio volto reale. Credendosi destinato a un Quinto Impero spirituale, il Portogallo finisce per disprezzare i compiti modesti ma essenziali della storia quotidiana: la costruzione della democrazia, lo sviluppo civile, l'istruzione e il rigore analitico. Il messianismo trasforma la rassegnazione e l'inazione in virtù: perché sforzarsi di trasformare il presente se la salvezza della patria è affidata a un evento miracoloso o a un compimento già scritto nelle stelle?

O mito do Quinto Império é a nossa forma mais requintada de sermos soberanamente nada no presente, consolando-nos com a certeza de sermos tudo no futuro. É a transformação da nossa impotência histórica numa teologia da resignação. ³³

Un capitolo di straordinaria lucidità nell'opera di Lourenço riguarda l'analisi delle conseguenze politico-ideologiche del messianismo nella storia portoghese del Novecento.

³² Eduardo Lourenço, *op. cit.*, p. 13.

³³ Ivi, p. 71.

Sebbene il mito del Quinto Impero nasca come slancio profetico e possa apparire come un'utopia poetica progressista o spirituale, la sua struttura concettuale interna nasconde una carica profondamente conservatrice e reazionaria.

Insegnando che il vero riscatto non dipende dallo sforzo autonomo dei cittadini o dalla lotta sociale, ma dall'avvento di un evento trascendente o dal ritorno dell'Encoberto, il messianismo educa la popolazione alla passività, al fatalismo e alla subordinazione.

Lourenço mette in luce come il regime autoritario dello *Stato Novo*, guidato da António de Oliveira Salazar dal 1933 al 1968, sa sfruttare a fondo questo substrato psicologico collettivo. Pur diffidando del carattere potenzialmente eversivo del misticismo pessoano, Salazar utilizza ampiamente la retorica della "missione storica" e della "singolarità spirituale" del Portogallo per giustificare l'isolamento del paese e per congelare la società portoghese in uno stato di immobilismo rurale e patriarcale.

Il regime converte la rassegnazione messianica nel culto dell'obbedienza e dell'accettazione della povertà materiale, presentata come il prezzo necessario per preservare l'anima della nazione dalle contaminazioni del materialismo e del secolarismo europeo.

In questo senso, l'utopia del Quinto Impero si rovescia nel suo contrario: invece di essere un motore di rigenerazione, diventa la prigione ideologica che ha giustificato per decenni la sopravvivenza di una dittatura anacronistica e il mantenimento di un impero coloniale anacronistico e sanguinoso in Africa.

La convinzione incrollabile di possedere una missione civilizzatrice eccezionale, il "lusotropicalismo", impedisce alla classe dirigente e a gran parte dell'opinione pubblica di comprendere che l'era degli imperi coloniali si è irrevocabilmente conclusa, trascinando il paese nelle tragiche e logoranti guerre coloniali. «Poucos países fabricaram acerca de si mesmos uma imagem tão idílica como Portugal. O anterior regime atingiu nesse domínio cumes inacessíveis, mas a herança é mais antiga e o seu eco perdura».³⁴

La pubblicazione di *O Labirinto da Saudade* nel 1978 avviene in un momento di svolta epocale per il Portogallo: con la Rivoluzione dei Garofani del 25 aprile 1974,

³⁴ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., 1982, p. 79.

il paese viene spogliato dei suoi miti secolari e centinaia di migliaia di cittadini rientrano nella madrepatria da un giorno all'altro.

Per il filosofo, la fine dell'impero e il crollo del mito del Quinto Impero non rappresentano una tragedia, bensì l'unica vera occasione di guarigione e di emancipazione per la coscienza portoghese. La perdita delle illusioni messianiche costringe finalmente il Portogallo a guardarsi allo specchio senza i filtri deformanti dell'iper-identità. Il paese è chiamato a compiere il passaggio fondamentale dell'identità mitica all'identità disincantata.

Svestiti i panni dell'impero e del destino provvidenziale, il Portogallo può finalmente riscoprire la propria dimensione reale: quella di una nazione europea chiamata a confrontarsi con la propria storia senza ricorrere alle immagini mitiche del proprio destino. Lo stesso Lourenço individua nell'esperienza imperiale una delle principali fonti dell'illusione nazionale, osservando come l'impero dia al Portogallo «a ilusão de estarmos no centro do mundo».³⁵ Il superamento di questa illusione implica anche un diverso rapporto con l'Europa, dalla quale il paese si separa progressivamente: «a primeira e fundamental exigência do espírito europeu é a liberdade».³⁶ In questa prospettiva, il disincanto non rappresenta per Lourenço una perdita, ma la condizione necessaria per una presa di coscienza storica più autentica. Il Portogallo è chiamato, dunque, a riconoscersi nella propria realtà europea, liberandosi progressivamente dalle rappresentazioni mitiche che per secoli ne hanno deformato l'immagine. Riconoscere che il Quinto Impero non è mai esistito e non esisterà mai sul piano della storia politica non significa distruggere la ricchezza di Pessoa o di Vieira; significa semplicemente restituire la poesia alla poesia e la storia alla storia.

La cultura portoghese può continuare ad amare i propri miti come straordinarie invenzioni dell'immaginario, ma deve smettere di considerarli una guida per l'azione politica.

In conclusione, l'esame del Quinto Impero condotto attraverso l'insegnamento di Eduardo Lourenço permette di comprendere come l'identità

³⁵ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., 2000, p.15.

³⁶ Eduardo Lourenço, *Heterodoxia I & II*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, p. 12.

collettiva di un popolo sia un processo dinamico, costantemente oscillante tra la tentazione del mito e il rigore della responsabilità storica.

Liberato dal suo sequestro ideologico e dalla sua funzione di anestetico sociale, il Quinto Impero può essere riconsiderato oggi non più come una condanna al fatalismo o un alibi per la debolezza del presente, ma come una splendida metafora dell'incompiutezza umana.

Come la saudade, quando viene depurata dall'essenzialismo saudosista, anche il Quinto Impero diviene il simbolo della capacità dell'uomo di non appagarsi del dato materiale e di continuare a sognare spazi di libertà, di creatività e di fraternità universale.

Questo "impero", però, non appartiene più a una nazione eletta né a un tempo provvidenziale: esso coincide semplicemente con lo sforzo quotidiano e consapevole con cui ogni cittadino, affrancato dai fantasmi del passato, contribuisce a costruire un presente più giusto, lucido e umano.

O “Quinto Império” de Pessoa não exigia o delírio e a inconsciência e os vãos sacrifícios ao fim dos quais perdemos, como era previsível até para cegos de nascimento, um império terrestre que só começou a existir a sério para a Nação quando surgiu no horizonte a possibilidade da sua perda.³⁷

³⁷ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., 2000, p. 13.

Capitolo 2 Fernando Pessoa: tra mito, eteronimia e testi

2.1 La Visione mitica e profetica in *Mensagem*

Pubblicato nel 1934, circa un anno prima della scomparsa dell'autore, *Mensagem* occupa una posizione del tutto singolare all'interno della produzione di Fernando Pessoa (1888-1935): rappresenta l'unico libro di poesie interamente in lingua portoghese pubblicato in volume durante la vita del poeta. Se la complessa esperienza eteronimica, articolata nella ricerca sensazionista di Álvaro de Campos, nel rigore neoclassico di Ricardo Reis e nel paganesimo ingenuo di Alberto Caeiro, costituisce uno dei luoghi privilegiati della frammentazione dell'io e della drammatizzazione della modernità, *Mensagem* si configura, al contrario, come un'opera di ricomposizione simbolica: un tentativo monumentale di conferire un senso unitario e trascendente al destino di un'intera nazione. Il progetto, originariamente concepito sotto il titolo programmatico di "Portugal", subisce una decisiva trasformazione a ridosso della pubblicazione.

Alcuni studiosi hanno evidenziato la valenza simbolica del titolo *Mensagem*: in particolare, António Quadros (1923-1993) propone di leggerlo in relazione al celebre verso virgiliano «*Mens agitat molem*»³⁸ («lo spirito muove la materia»), tratto dal VI libro dell'Eneide. Secondo Quadros, Pessoa avrebbe così sintetizzato fin dal titolo il significato profondo dell'opera: la convinzione che sia lo spirito a orientare la storia e a rendere possibile la rigenerazione del Portogallo attraverso la cultura e la poesia.

Lo stesso Pessoa chiarisce questa prospettiva nel celebre verso posto in apertura di *Mensagem*: «O mito é o nada que é tudo».³⁹ Con questa affermazione il poeta dichiara fin dall'inizio che l'oggetto della sua opera non è la ricostruzione della verità storica, bensì la forza simbolica del mito, capace di conferire significato alla vicenda del popolo portoghese. Come osserva Eduardo Lourenço, *Mensagem* non

³⁸ António Quadros, «O Título da *Mensagem*», in Fernando Pessoa, *Mensagem: Poemas Esotéricos*, edição crítica de José Augusto Seabra, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1993, pp. 230-232.

³⁹ Fernando Pessoa, *Mensagem*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1934, p. 23.

rappresenta un semplice poema celebrativo, ma costituisce una delle più alte elaborazioni dell'immaginario nazionale portoghese. Il filosofo rivolge infatti la propria attenzione alle immagini attraverso le quali il Portogallo ha costruito e rappresentato sé stesso nel corso della propria storia.

In questa prospettiva, anche il poema pessoano può essere letto come una riflessione critica sul mito nazionale più che come una celebrazione della storia.

Il Portogallo cantato in *Mensagem* cessa di essere un'entità territoriale per farsi idea pura, concetto spirituale e messaggio universale rivolto alla civiltà occidentale.

Questa prospettiva è efficacemente messa in luce da Eduardo Lourenço, il quale chiarisce che il proprio intento non è quello di elaborare un nuovo discorso patriottico, bensì di analizzare criticamente le immagini attraverso cui il Portogallo costruisce la propria identità: «O assunto próprio do nosso livro é pois menos o da “preocupação por Portugal” (...) que o de uma imagologia, quer dizer, um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado».⁴⁰

In questa prospettiva, anche *Mensagem* può essere letta come un'opera che interroga il mito nazionale, trasformandolo in oggetto di riflessione critica.

L'opera si compone di quarantaquattro liriche brevi, disposte secondo un'architettura rigorosa che riproduce le tappe di un vero e proprio itinerario alchemico e iniziatico. L'architettura di *Mensagem* si articola in tre sezioni fondamentali.

La prima è “*Brasão*” (Lo Stemma), che rappresenta la fase della fondazione e della costruzione della materia simbolica.

Attraverso l'evocazione dei personaggi storici che hanno edificato il regno, da D. Afonso Henriques (1109 - 1185) a D. Sebastião (1554–1578), Pessoa costruisce una galleria di figure emblematiche, elevate a simboli della missione storica e spirituale del Portogallo.

«Todo começo é involuntário. / Deus é o agente. / O herói a si assiste, vário / E inconsciente».⁴¹

⁴⁰ Eduardo Lourenço, *Op. Cit.*, p. 18.

⁴¹ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 21.

L'azione degli eroi non nasce dunque esclusivamente dalla loro volontà, ma si inserisce in un progetto superiore che conferisce significato alla storia del Portogallo. In questa prospettiva, le figure raccolte in *Brasão* acquistano un valore simbolico: esse diventano modelli attraverso cui la comunità nazionale interpreta il proprio passato. Tale lettura è coerente con la riflessione di Eduardo Lourenço, il quale chiarisce che il suo interesse non consiste nella ricostruzione della storia del Portogallo, bensì nell'analisi delle immagini che il paese ha elaborato di sé.

«Não é possível construir nem viver de uma imagem nacional asséptica, à margem de toda a hipótese ideológica [...] nada é mais necessário do que rever, renovar, suspeitar sem tréguas as imagens e os mitos que nelas se encarnam».⁴²

L'interesse di Pessoa non consiste nella ricostruzione storica degli eventi, bensì nella trasformazione della storia in mito, poiché è proprio il mito a conferire unità e significato all'esperienza collettiva del Portogallo.

Tali figure non vengono analizzate secondo criteri storiografici, ma vengono elevate ad archetipi: La funzione simbolica degli eroi è ribadita dallo stesso Pessoa nel celebre verso: «O mito é o nada que é tudo».⁴³ Il valore di queste figure non dipende quindi dalla loro esatta consistenza storica, ma dalla forza mitica con cui orientano l'immaginario della nazione.

La seconda opera è *Mar Português* (Il Mare Portoghese), che costituisce il cuore dell'azione in *Mensagem*. Questa è la sezione consacrata all'epopea dei *Descobrimentos*. Essa è dedicata all'epopea delle scoperte marittime, ma Pessoa se ne serve per andare oltre la semplice celebrazione storica. L'espansione oceanica viene infatti interpretata come una prova spirituale, nella quale il dolore umano diventa il prezzo necessario di una missione universale. Lo mostrano chiaramente i celebri versi:

⁴² Eduardo Lourenço, *Op. Cit.*, p. 10.

⁴³ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 23.

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.⁴⁴

Il mare non è rappresentato soltanto come lo spazio della conquista geografica, bensì come il luogo in cui il sacrificio individuale acquista un significato collettivo. La sofferenza delle madri, dei figli e delle spose non viene cancellata, ma integrata in una visione della storia in cui il compimento della missione del Portogallo richiede il superamento del dolore. Come osserva Eduardo Lourenço, *Mensagem* non mira tanto a ricostruire gli avvenimenti storici quanto a trasformarli in immagini fondative dell'identità nazionale, sottoponendole al tempo stesso a una riflessione critica. Il mare di *Mensagem* supera la dimensione storica dell'espansione oceanica per assumere un valore eminentemente simbolico, diventando il luogo in cui il Portogallo elabora la propria memoria e la propria autorappresentazione.

Sul piano ermeneutico, Pessoa riconosce l'immenso tributo di dolore che la nazione paga all'Oceano: il sale del mare è composto dalle "lacrime del Portogallo", dal pianto delle madri e delle spose rimaste a terra ad attendere navi che non rientrano più.

Tuttavia, questa nostalgia non resta un blocco paralizzante.

Il dolore, tuttavia, non si esaurisce nella lamentazione. Come afferma Pessoa, «Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena», trasformando la sofferenza in condizione necessaria per il compimento di una missione più alta.

In questa prospettiva, il superamento del Capo Bojador assume un valore simbolico, poiché rappresenta il superamento dei limiti imposti dalla paura e dalla

⁴⁴ Si tratta del poema «Mar Português» (Cfr. Ivi, p.70).

finitezza umana. Il mare, pur essendo la sede del pericolo e dell'abisso, si trasforma nello specchio in cui la Divinità rispecchia il cielo.

«Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / Mas nele é que espelhou o céu». In tal modo il mare non è soltanto il luogo del rischio e della morte, ma anche lo spazio in cui l'esperienza storica acquista una dimensione trascendente.

L'ultima è *O Encoberto* (L'Ocultato), ovvero la sezione propriamente profetica, dominata dalla nebbia, dall'oscurità e dalla stasi del presente: «Ninguém sabe que coisa quer. / Ninguém conhece que alma tem, / Nem o que é mal nem o que é bem. / (Que ânsia distante perto chora?) / Tudo é incerto e derradeiro. / Tudo é disperso, nada é inteiro. / Ó Portugal, hoje és nevoeiro...». ⁴⁵

Come osserva Eduardo Lourenço, *Mensagem* rilegge la storia del Portogallo alla luce di un immaginario messianico che trasforma la decadenza in attesa di una rigenerazione futura. L'opera si inserisce infatti in quella che il filosofo definisce la costruzione dell'immaginario nazionale portoghese. Prendendo atto della decadenza materiale del Portogallo, iniziata con la tragica sconfitta di Alcácer Quibir nel 1578, Pessoa interpreta la crisi non come un punto di arrivo, ma come la necessaria fase di incubazione e morte simbolica che precede la resurrezione.

Na sua aparência, Mensagem celebra, relendo-os na luz espectral do sonho que cada um encarnou, os heróis-mitos da nossa História que ao longo do tempo prefiguraram o único Herói futuro, restaurador do nosso império perdido nos areais da África, em Alcácer-Quibir. ⁴⁶

È qui che si condensa la promessa del ritorno di Don Sebastiano e della venuta del Quinto Impero. La centralità di D. Sebastião emerge dalla stessa struttura di *O Encoberto*, nella quale il sovrano diviene il principale simbolo dell'attesa messianica che attraversa l'intera raccolta.

Louco, sim, louco, porque quis grandeza qual a Sorte a não dá. Não coube em mim minha certeza; por isso, onde o areal está, ficou meu ser que houve, não o

⁴⁵ Si tratta del poema «Nevoeiro» (Ivi, p.117).

⁴⁶ Eduardo Lourenço, "Sonho de Império e Império de Sonho", in Fernando Pessoa, *Mensagem / Poemas Esotéricos*, ed. crítica de J. A. Seabra, Madrid/Lisbona, Alca XX, 1997, p. 21.

que há. Minha loucura, outros que me a tomem com o que nela ia. Sem a loucura que é o homem mais que a besta sadia, cadáver adiado que procria?⁴⁷

Una parte significativa della storiografia ottocentesca e positivista ha interpretato la figura di D. Sebastião come quella di un sovrano imprudente, la cui ostinazione militare conduce il Portogallo alla disfatta di Alcácer Quibir (1578) e alla successiva perdita dell'indipendenza nazionale. Emblematica, in questo senso, è la lettura proposta da Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894), il quale, nella *História de Portugal* (1879), descrive il giovane re come il protagonista di una tragica illusione cavalleresca destinata al fallimento storico.

Fernando Pessoa si colloca consapevolmente agli antipodi di questa interpretazione. In *Mensagem*, D. Sebastião non è ricordato come il responsabile della decadenza del regno, bensì come il simbolo di una tensione spirituale che trascende il giudizio storico.

La "follia" del sovrano non coincide dunque con un errore politico o militare, ma assume un valore simbolico: rappresenta il rifiuto della mediocrità e la tensione verso un ideale capace di oltrepassare i limiti imposti dalla realtà storica. Pessoa rivaluta così la figura di Dom Sebastião, trasformandola da protagonista di una sconfitta nazionale a emblema della vocazione profetica e messianica del Portogallo.

Laddove la storiografia positivista vede in Dom Sebastião un re sconsiderato la cui brama militare porta la nazione alla perdita dell'indipendenza, Pessoa ne celebra la "follia". Questa "follia" è l'insofferenza per il reale, il rifiuto del calcolo razionale e la spinta irrefrenabile verso l'Impossibile.

Attraverso questi versi, Pessoa trasforma la *loucura* in una categoria positiva: essa non coincide con l'irrazionalità, ma con la tensione dell'uomo verso un ideale che supera i limiti imposti dalla realtà storica: «Sem a loucura que é o homem / Mais que a besta sadia, / Cadáver adiado que procria?».⁴⁸

⁴⁷ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p.53, D. Sebastião, Rei de Portugal (<http://arquivopessoa.net/textos/187>);

⁴⁸ Ivi.

La follia diventa così il presupposto stesso di ogni tensione creatrice e di ogni progetto capace di superare la semplice sopravvivenza biologica.

Il punto di approdo di *Mensagem* è la rielaborazione dell'idea del Quinto Impero. Attingendo alla tradizione profetica di Gonçalo Anes Bandarra (ca. 1500-1556) e, soprattutto, di Padre António Vieira (1608-1697), Pessoa riprende e trasforma le profezie bibliche del Libro di Daniele, reinterpretrandole alla luce della storia e della cultura portoghese. Il Quinto Impero pessoano non coincide, tuttavia, con la restaurazione di un dominio territoriale: esso assume piuttosto una dimensione spirituale e culturale. Se le grandi navigazioni hanno consentito al Portogallo di mettere in comunicazione parti lontane del mondo sul piano materiale e geografico, il nuovo impero dovrebbe realizzarsi su un piano più propriamente spirituale, attraverso la cultura, la poesia e la capacità creativa dello spirito. In questa prospettiva, il Portogallo non è chiamato a riconquistare un impero perduto, ma a trasformare la propria esperienza storica in una missione universale: dal dominio dello spazio geografico si passa così alla conquista dello spazio dello spirito.

La saudade, all'interno di questo quadro, compie un ribaltamento decisivo: cessa di essere memoria nostalgica di ciò che è stato per convertirsi in «saudade do futuro». Non si piange l'impero perduto; si attende con tensione messianica l'impero che deve ancora compiersi.

Nel suo celebre saggio "O Labirinto da Saudade", Lourenço individua in *Mensagem* il vertice di quella che definisce "ipertrofia dell'immaginario" o "psicosi del destino" del popolo portoghese. Secondo il saggista, il Portogallo, storicamente scivolato ai margini della politica europea dopo il Cinquecento, compensa la propria irrilevanza reale costruendo una grandiosa mitologia di riscatto.

Tuttavia, come la stessa struttura di *Mensagem* dimostra, Fernando Pessoa non è una vittima inconsapevole di questo inganno mitico, ma il suo teorico più lucido. Nella poesia d'apertura *Ulisses*, Pessoa scrive il celebre verso:

«O mito é o nada que é tudo».⁴⁹

In questa fulminante definizione è racchiusa la sintesi dell'intero capitolo: sul piano della realtà empirica e storica, il mito "è nulla", ma sul piano della realtà

⁴⁹ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 23.

psichica e spirituale, il mito "è tutto", poiché costituisce l'unica forza capace di muovere le anime, trasformando il dolore della saudade nella forma più alta di resistenza e creazione culturale.

Ritengo che questa intuizione metta in luce il tratto più autentico di Pessoa: la capacità di smontare il mito mentre lo si costruisce, rivelando che il valore di un'illusione non sta nel suo essere vera, ma nella sua straordinaria potenza generatrice. Nel saggio dedicato a *Mensagem*, Lourenço scrive: «*Foi para Ulisses, incarnação da primeira viagem iniciática da nossa alma futuramente grega, como ele a sonhava, que o autor de Mensagem compôs os versos famosos*».⁵⁰

A questo proposito, risulta di fondamentale interesse tracciare un parallelismo con la matrice omerica dell'Odissea. Il legame tra Pessoa e l'epica classica non è soltanto ideale, ma esplicitamente fondativo: collocando Ulisses in apertura a *Mensagem*, Pessoa richiama la figura del leggendario fondatore di Lisbona (Olissipo), operando tuttavia un profondo ribaltamento del mito antico.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.⁵¹

Se l'Odissea omerica costituisce l'archetipo del nostos, del ritorno alla patria e al ripristino dell'ordine, *Mensagem* riorienta il mito verso una tensione messianica e futura, secondo quella che Eduardo Lourenço interpreta come una «saudade do futuro».

L'Ulisse pessoano non coincide più con l'eroe omerico, celebre per la sua mêtis e per il compimento del nostos, ma assume una funzione eminentemente simbolica. Come affermano i versi conclusivi del poema, egli «Sem existir nos bastou. / Por não ter vindo foi vindo / E nos criou»,⁵² sicché la sua efficacia risiede non nella storicità della figura, bensì nella capacità del mito di fondare l'identità spirituale del

⁵⁰ Eduardo Lourenço, «Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera», 1986, pp. 9-10.

⁵¹ Fernando Pessoa, *op.cit.*, p. 23.

⁵² *Ibidem*.

Portogallo. Tale interpretazione è ampiamente sviluppata da Eduardo Lourenço, che legge *Mensagem* come un'opera di rifondazione mitica della coscienza nazionale.

Il viaggio lusitano cessa così di essere un cerchio che si chiude con il ritorno a casa, e si trasforma in una traiettoria aperta e messianica verso l'Invisibile, in cui il compimento dell'identità nazionale non coincide con un luogo geografico, ma con la venuta del Quinto Impero.

La saudade e il mito di Ulisse si incontrano nel profondo senso del rimpianto, della nostalgia e del ritorno. Entrambi i concetti esplorano il dolore per ciò che è lontano e il desiderio struggente di una patria o di un tempo perduto. Se, nella tradizione omerica, il *nostos* costituisce il principio strutturante dell'Odissea, il viaggio di Ulisse si configura come il lungo cammino verso la riconquista della propria identità attraverso il ritorno alla patria.⁵³

La nostalgia del ritorno e il dolore per la lontananza da Itaca rappresentano infatti il motore dell'azione di Ulisse, che sceglie di rinunciare persino all'immortalità offertagli da Calipso pur di rivedere la propria terra. Nel libro V dell'Odissea, l'eroe è descritto seduto sulla riva del mare mentre piange rivolgendo lo sguardo verso l'orizzonte, consumato dal desiderio del ritorno: «Lo trovò seduto sulla spiaggia: mai gli occhi erano asciutti dalle lacrime; consumava la dolce vita nel pianto, desiderando il ritorno».⁵⁴ L'immagine dell'eroe sospeso tra il mare e la memoria della patria costituisce una delle più intense rappresentazioni della nostalgia della letteratura occidentale e può essere letta come una significativa anticipazione di quella dimensione emotiva che la cultura portoghese avrebbe poi espresso attraverso il concetto di saudade.

Questa tensione verso il ritorno viene profondamente trasformata da Fernando Pessoa in *Mensagem*. L'Ulisse pessoano non coincide più con l'eroe omerico celebre per la sua *mêtis* e per il compimento del *nostos*, ma diviene il fondatore simbolico della nazione portoghese. Come afferma Pessoa nel poema *Ulisses*: «Este, que aqui

⁵³ Gregory Nagy, *The Best of the Achaeans. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1999, pp. 34-40

⁵⁴ Omero, *Odissea*, traduzione di Rosa Calzecchi Onesti, Torino, Giulio Einaudi Editore, 1963, p. 145 (Libro V, vv. 151-158))

aportou, / Foi por não ser existindo. / Sem existir nos bastou. / Por não ter vindo foi vindo / E nos criou».⁵⁵ Il mito acquista così valore non in quanto verità storica, ma come forza capace di generare un'identità collettiva. In questa prospettiva, come osserva Eduardo Lourenço, *Mensagem* non celebra semplicemente la memoria del passato, ma trasforma il mito in una proiezione verso il futuro, facendo della storia portoghese una costruzione simbolica e spirituale.⁵⁶

Ricordare chi si è e da dove si viene è l'unica ancora di salvezza per l'eroe che attraversa le insidie del mondo e dell'oblio.

La saudade descrive la malinconia per una persona o un luogo amato che non è più presente, unendo il piacere del ricordo al dolore della distanza. Non si tratta tuttavia di una semplice nostalgia del passato, ma di un sentimento complesso in cui l'assenza continua a generare una presenza interiore. Come osserva Eduardo Lourenço, la saudade appartiene alla dimensione profonda della cultura portoghese perché nasce dalla tensione tra ciò che è perduto e ciò che continua a essere desiderato.

Questa esperienza può essere avvicinata alla condizione del navigatore che attraversa mari sconosciuti: il viaggio modifica colui che parte e rende impossibile un ritorno completamente identico al passato. La distanza non viene quindi cancellata dal ritorno, poiché il tempo trascorso e le trasformazioni vissute hanno cambiato sia il luogo desiderato sia l'individuo che vi ritorna. Tale tensione tra assenza, memoria e desiderio trova una formulazione emblematica nei versi di Fernando Pessoa:

«Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena».⁵⁷

Il viaggio, dunque, non è soltanto movimento nello spazio, ma anche esperienza interiore: ciò che viene perduto o lasciato lontano acquista un nuovo significato attraverso la memoria e la costruzione simbolica.

Se nell'opera omerica il viaggio di Ulisse rappresenta il desiderio di ritornare alla propria patria e di ricongiungersi con le proprie origini, Pessoa rielabora questo

⁵⁵ Fernando Pessoa, *Op.Cit.*, p. 23.

⁵⁶ Eduardo Lourenço, *Pessoa Revisitado. Leitura estruturante do drama em gente*, Lisboa, Gradiva, 2003. Si veda in particolare il capitolo dedicato a *Mensagem*; cfr. anche Id., *Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999, p. 43.

⁵⁷ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 70-77.

modello attribuendogli un significato nuovo. In *Mensagem*, infatti, il ritorno non coincide più soltanto con il raggiungimento di un luogo fisico, ma diventa il simbolo di una ricerca spirituale e culturale che riguarda l'identità stessa del popolo portoghese.

Questa trasformazione emerge già nei versi iniziali del poema dedicato a Ulisse, dove Pessoa afferma: «O mito é o nada que é tudo». Il mito, dunque, non viene considerato come una semplice narrazione priva di fondamento storico, ma come una forza creatrice capace di dare forma alla realtà simbolica di una nazione.

Per questo motivo Ulisse, pur non essendo una figura realmente esistita secondo la tradizione storica, assume una funzione fondativa:

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.⁵⁸

Attraverso questa apparente contraddizione, Pessoa suggerisce che l'identità collettiva non si costruisce esclusivamente attraverso gli eventi storici, ma anche attraverso i miti che una comunità sceglie di creare e tramandare. Ulisse diventa così non soltanto l'eroe del ritorno, ma il simbolo di una ricerca più ampia: quella di un Portogallo che, attraverso il recupero del proprio immaginario mitico, tenta di ritrovare il senso della propria missione spirituale e culturale.

È proprio in questa prospettiva che la saudade assume un ruolo centrale. La saudade non si esaurisce nel semplice rimpianto di un passato glorioso né nella malinconia per ciò che è ormai irrimediabilmente perduto. Essa rappresenta piuttosto un sentimento dinamico, capace di trasformare la memoria in una forza creativa e di orientare il ricordo verso una possibilità futura. Come ha osservato Eduardo Lourenço, la saudade appartiene a una dimensione in cui l'assenza non coincide con una definitiva perdita, ma continua ad alimentare il rapporto con ciò che è lontano e desiderato. In questa prospettiva, il passato non viene semplicemente

⁵⁸ Ivi, p. 23.

recuperato, ma reinterpretato alla luce del presente e proiettato verso un compimento ancora possibile.

Questa concezione trova una particolare espressione nell'opera di Fernando Pessoa, soprattutto in *Mensagem*, dove la memoria della grandezza storica portoghese non si traduce in una nostalgia sterile, ma diventa attesa e progetto spirituale. Nel poema *O Infante (poema della prima sezione di Mensagem)*, Pessoa condensa questa tensione tra ciò che il Portogallo è stato e ciò che deve ancora realizzare nel verso: «Senhor, falta cumprir-se Portugal!». ⁵⁹La storia, quindi, non appare come un ciclo concluso, ma come una promessa ancora da compiere.

La saudade diventa così il punto d'incontro tra memoria e speranza: essa guarda al passato non per ricostruirlo fedelmente, ma per trasformarlo in una forza generatrice rivolta al futuro. Come afferma Pessoa in *Mar Português*: «Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena». ⁶⁰

L'esperienza del viaggio, della perdita e della distanza acquisisce dunque valore non soltanto per ciò che è stato vissuto, ma per il significato spirituale che continua a produrre.

L'immagine di Ulisse sintetizza perfettamente questo processo. Pur essendo una figura appartenente alla tradizione classica, egli viene accolto da Pessoa nella storia simbolica del Portogallo come il fondatore mitico di Lisbona. Poco importa che questo episodio non appartenga alla realtà storica: ciò che interessa al poeta è il valore simbolico del mito. Ulisse rappresenta quindi l'uomo che affronta il viaggio, supera le difficoltà e continua a cercare una meta anche quando essa sembra irraggiungibile. Allo stesso modo, il Portogallo viene invitato a guardare oltre il proprio declino storico e a ritrovare nella propria tradizione la forza per immaginare un nuovo futuro.

Pessoa mostra come il mito non appartenga esclusivamente al passato, ma continui a vivere ogni volta che una comunità gli attribuisce un nuovo significato. Questa dinamica è messa in evidenza anche da Eduardo Lourenço.

⁵⁹ Ivi, p. 55.

⁶⁰ Ivi, p. 70.

«Mito, vida que não passa na vida que passa — e toda passa —, lenta a escorrer da realidade».⁶¹

La saudade non è quindi un sentimento immobile, legato esclusivamente all'assenza o alla perdita, ma una forza capace di mantenere vivo il dialogo tra passato e futuro. Il ricordo delle grandi imprese, delle figure eroiche e delle origini leggendarie del Portogallo non ha la funzione di alimentare una sterile nostalgia, bensì quella di ricordare che ogni identità si costruisce attraverso un continuo processo di reinterpretazione.

Tudo o que existe – como os homens para quem tudo existe – é da ordem do evanescente, mas de um evanescente que se torna real através de uma espécie de memorização criadora, a única que pode conferir ao que já não existe uma plenitude “à rebours” que o fenómeno da saudade encarna.⁶²

2.2 La Teoria dell'eteronimia e il caso Vincenzo Russo

Introdurre l'eteronimia di Fernando Pessoa a partire dalla saudade significa osservare come il sentimento della mancanza, anziché tradursi in una semplice contemplazione malinconica dell'assenza, diventi nel poeta una forza creatrice. La saudade non rappresenta soltanto il rimpianto per ciò che è perduto o irraggiungibile, ma l'esperienza di una frattura interiore che apre la possibilità di nuove forme dell'essere. In Pessoa, il vuoto dell'identità non viene colmato attraverso il ritorno a un'unità originaria, ma attraverso la creazione di altre coscienze poetiche: gli eteronimi.

La molteplicità dell'io costituisce infatti uno degli elementi fondamentali della sua poetica. Nella celebre lettera a *Adolfo Casais Monteiro (1908-1972)* del 1935, Pessoa descrive questa condizione attraverso l'affermazione: «Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas»⁶³. La

⁶¹ Ivi, p. 9.

⁶² Eduardo Lourenço, «Da literatura como interpretação de Portugal», in *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português*, 5.ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992, p. 104.

⁶³ Fernando Pessoa, *Páginas Intimas e de Auto – Interpretação*, Lisboa, Atica, 1966, p. 93.

frammentazione dell'identità non appare quindi come una semplice perdita, ma come una possibilità di conoscenza e di creazione: ogni eteronimo diventa una diversa risposta alla domanda sull'essere.

In questa prospettiva, la saudade pessoana non conduce all'immobilità del rimpianto, ma alla trasformazione dell'assenza in invenzione poetica. Il poeta non cerca di ricostruire un'identità perduta, bensì di abitare la mancanza attraverso nuove personalità autonome. Come scrive Pessoa in *Autopsicografia*: «O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente».⁶⁴ La sofferenza e la distanza dall'unità originaria vengono così trasfigurate nell'atto creativo, facendo dell'eteronimia una forma estrema di risposta poetica alla condizione dell'assenza.

Di fronte al vuoto interiore e alla crisi dell'identità moderna, Pessoa non cerca una risposta unica e definitiva, ma accoglie la frammentazione dell'io come condizione essenziale dell'esistenza. L'individuo non appare più come un soggetto compatto e unitario, ma come una pluralità di possibilità e di prospettive.

Da questa frattura nasce il "teatro dell'essere" pessoano: la solitudine e il sentimento della mancanza vengono trasformati nella necessità di creare altre coscienze autonome, dotate di una propria visione del mondo e di una propria voce poetica. Gli eteronimi Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos non sono semplici maschere letterarie, ma vere personalità artistiche attraverso cui Pessoa esplora diverse possibilità dell'esistenza.

L'eteronimia diventa così una risposta attiva alla crisi dell'identità e alla condizione di mancanza che caratterizza l'esperienza poetica pessoana: l'io, non trovandosi interamente in sé stesso, non cerca una ricomposizione artificiale della propria unità, ma si espande e si moltiplica attraverso la creazione di altre coscienze autonome. Uno degli aspetti più straordinari e rivoluzionari dell'universo poetico di Fernando Pessoa è infatti rappresentato dal fenomeno dell'eteronimia, attraverso cui il poeta trasforma la frammentazione interiore in una forma nuova di espressione letteraria.

⁶⁴ Fernando Pessoa, *Cancioneiro*, Milano, Adelphi, p. 66.

A differenza del semplice pseudonimo, che consiste nell'adozione di un nome d'arte fittizio per firmare opere comunque riconducibili a un unico autore, l'eteronimo pessoano rappresenta una vera e propria personalità letteraria autonoma, dotata di una biografia propria, di una fisionomia psicologica distinta, di idee filosofiche peculiari e di uno stile poetico e linguistico specifico. La differenza fondamentale viene chiarita dallo stesso Fernando Pessoa, che definisce così il rapporto tra pseudonimo ed eteronimo: «A obra pseudónima é do autor em sua pessoa, excepto no nome que assina; a heterónima é do autor fora da sua pessoa».⁶⁵

Pessoa non si limita a fingere di essere un altro: egli spersonalizza la propria identità, trasformando la sua psiche in un teatro popolato da diversi poeti di sua invenzione: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, oltre al semi-eteronimo Bernardo Soares, ciascuno dei quali incarna una possibilità esistenziale e filosofica autonoma.

Come lo stesso Pessoa spiegava nella celebre lettera al critico Adolfo Casais Monteiro del 13 gennaio 1935, la nascita degli eteronimi affonda le sue radici in una "istero-nevrosi" o in un'esigenza di drammatizzazione interiore che lo accompagnava fin dall'infanzia.

Il poeta ortonimo dichiara di non sentire le cose direttamente, ma di avvertirle attraverso l'immaginazione e la finzione, sintetizzando questa condizione nel famoso assioma: «*O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente*».⁶⁶ L'eteronimia è dunque la risposta poetica al dramma della modernità: la perdita dell'unità del soggetto e la scoperta della molteplicità dell'io.

Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente.⁶⁷

⁶⁵ Fernando Pessoa, "Tábua Bibliográfica", in *Presença*, n. 17, Coimbra, dicembre 1928, p. 9.

⁶⁶ Fernando Pessoa, «Autopsicografia», *Presença*, n. 36, Coimbra, novembre 1932. p.9

⁶⁷ Álvaro de Campos, *Cancioneiro*, Milano, Adelphi, p. 202.

In questo quadro di dissoluzione e moltiplicazione dell'identità si inserisce in modo emblematico il cosiddetto caso del professor Vincenzo Russo.

L'eteronimia rappresenta, secondo Russo, uno dei punti centrali della rivoluzione poetica pessoana: essa non consiste nella semplice sostituzione del nome dell'autore, ma nella creazione di vere individualità letterarie autonome. A sostegno di questa interpretazione, Russo richiama le parole dello stesso Pessoa, secondo il quale l'eteronimo è «a heterónima é do autor fora da sua pessoa», poiché costituisce «uma individualidade completa por ele construída». In questa prospettiva, la moltiplicazione dell'io attraverso gli eteronimi non è una fuga dalla realtà, ma una modalità per esplorare le diverse possibilità dell'essere e della creazione poetica.

L'analisi del caso Vincenzo Russo permette di mostrare come l'eteronimia non sia un semplice artificio bizzarro o una curiosità biografica, ma un paradigma conoscitivo capace di interrogare la natura stessa dell'identità e della creazione poetica. Lo stesso Fernando Pessoa chiarisce la distanza tra pseudonimo ed eteronimo affermando: «A heterónima é do autor fora da sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele»⁶⁸. L'eteronimo non è dunque una semplice maschera, ma una vera individualità letteraria attraverso cui l'autore esplora possibilità diverse dell'essere.

Nel confronto tra la galassia eteronimica pessoana e l'esperienza di Russo emerge la natura della poesia moderna come luogo dell'assenza di un centro unico, dove il creatore si eclissa dietro i propri fantasmi letterari, lasciando che la voce poetica risuoni nella sua pura autonomia formale e concettuale.

Nel saggio “La saudade e il saudosismo”, Vincenzo Russo propone un'analisi storico-letteraria del concetto di saudade e del movimento saudosista, evidenziando come i due termini, pur essendo strettamente collegati, non siano sinonimi. Secondo Russo, la saudade è innanzitutto un sentimento tipico della cultura portoghese. Essa non può essere ridotta a una semplice nostalgia, poiché comprende contemporaneamente il ricordo di ciò che è stato, il desiderio di ciò che è assente e la tensione verso qualcosa che potrebbe ancora realizzarsi.

⁶⁸ Fernando Pessoa, *Mensagem*, op. cit., p. 9.

Questa complessità del sentimento saudoso viene sintetizzata anche da Eduardo Lourenço, che interpreta la saudade non come una semplice rimemorazione del passato, ma come un'esperienza dell'assenza: «A saudade não é a nostalgia do passado, mas a consciência de uma ausência». ⁶⁹

Diverso è invece il saudosismo che è definito come un movimento culturale e letterario nato nei primi anni del Novecento attorno alla figura di Teixeira de Pascoaes e alla rivista *A Águia*. Il saudosismo trasforma la saudade da semplice sentimento individuale a principio filosofico e spirituale, attribuendole una funzione centrale nella definizione dell'identità portoghese.

Questa trasformazione è evidente nella riflessione di Teixeira de Pascoaes, principale teorico del movimento, che interpreta la saudade come una realtà spirituale capace di unire memoria, desiderio e rivelazione dell'essenza portoghese: «A Saudade é a alma da raça portuguesa». ⁷⁰

Il saudosismo non si limita dunque a celebrare la nostalgia del passato, ma eleva la saudade a principio creativo e metafisico, attraverso cui il Portogallo cerca di riconoscere la propria identità spirituale. ⁷¹

Nel suo studio, Russo ricostruisce l'evoluzione della saudade nella tradizione culturale portoghese e dedica particolare attenzione all'elaborazione teorica di Pascoaes, mettendone in evidenza le influenze romantiche, simboliste e idealiste. Allo stesso tempo, mostra come il saudosismo abbia cercato di costruire un'identità nazionale fondata su un sentimento considerato esclusivamente portoghese, attribuendogli una funzione religiosa, metafisica e politica.

Nel suo studio *Simulacra pessoana. Sette saggi su Fernando Pessoa* (2024), Vincenzo Russo interpreta la saudade nell'universo poetico pessoano come un'esperienza complessa dell'assenza, nella quale memoria, perdita e desiderio si intrecciano e possono trasformarsi in possibilità creativa. La saudade non rappresenta, dunque, soltanto il rimpianto per ciò che è perduto o irraggiungibile, ma

⁶⁹ Eduardo Lourenço, *Op.Cit.*, p. 23.

⁷⁰ Teixeira de Pascoaes, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, Porto, Renascença Portuguesa, 1912, p. 22.

⁷¹ Vincenzo Russo, *La memoria "strana" del nostalgico. Note su saudade e messianismo tra Teixeira de Pascoaes ed Eduardo Lourenço*, Roma, Edizioni Nuova Cultura, 2012, p. 114.

diventa una modalità attraverso cui l'individuo si confronta con la propria mancanza e con la difficoltà di definire un'identità stabile.

È proprio nella crisi dell'identità che la riflessione sulla saudade si collega all'eteronimia. Nella prospettiva di Russo, la poesia di Pessoa si colloca infatti all'interno della crisi moderna dell'io: la perdita di un centro identitario unitario non conduce alla ricerca di un'origine stabile, ma apre alla possibilità della moltiplicazione. La mancanza diventa così una condizione creativa, dalla quale possono nascere nuove forme dell'io e nuove possibilità di espressione poetica.

L'eteronimia costituisce la manifestazione più radicale di questo processo. Pessoa non si limita a moltiplicare le firme poetiche, ma costruisce vere e proprie individualità autonome, dotate di una propria biografia, sensibilità e concezione poetica. Come afferma lo stesso Pessoa, l'eteronimo è «uma individualidade completa fabricada por ele».⁷² L'eteronimia non rappresenta quindi una semplice sostituzione del nome dell'autore, ma un processo attraverso il quale l'io si scompone e si ricompone in molteplici coscienze poetiche.

In questa prospettiva, la saudade può essere interpretata come una delle esperienze che rendono possibile la creazione eteronimica. Il sentimento dell'assenza non viene risolto attraverso il recupero di un'identità originaria, ma attraverso la sua continua trasformazione. La mancanza di un io unico e stabile diventa il punto di partenza per la costruzione di identità differenti: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos non sono semplicemente personaggi inventati da Pessoa, ma rappresentano differenti possibilità dell'essere, del sentire e del pensare.

La moltiplicazione dell'io assume così un valore conoscitivo. Attraverso gli eteronimi, Pessoa esplora ciò che l'identità individuale non riesce a contenere nella sua forma unitaria: diverse sensibilità, diverse visioni del mondo e diverse modalità di rapportarsi alla realtà. La frammentazione non coincide quindi con una perdita definitiva dell'identità, ma diventa uno strumento attraverso cui il poeta amplia le possibilità della propria esperienza.

Il rapporto tra saudade ed eteronimia può essere letto, pertanto, come un passaggio dalla mancanza alla creazione. Ciò che manca non viene necessariamente

⁷² Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 10.

recuperato o colmato: viene trasformato in nuove forme dell'io. È in questo senso che la riflessione di Russo permette di comprendere la modernità della poesia pessoana: la crisi dell'identità non rappresenta soltanto una condizione di perdita, ma diventa il presupposto stesso della moltiplicazione poetica e della possibilità di essere molteplici.

Un ulteriore aspetto messo in evidenza da Russo riguarda il carattere identitario assunto dalla saudade all'interno del saudosismo. Il movimento trasforma infatti un sentimento legato all'esperienza individuale dell'assenza in un principio collettivo, attribuendogli una funzione centrale nella definizione dell'identità portoghese. La saudade diventa così non soltanto memoria del passato, ma una forma di coscienza nazionale attraverso cui il Portogallo interpreta la propria storia e immagina il proprio futuro. «A alma lusitana concentrou-se numa só palavra, e nela existe e vive, como na pequena gota de orvalho a imagem do sol imenso. Sim: a palavra Saudade é intraduzível. O único povo que sente a Saudade é o português...».⁷³

La saudade viene quindi elevata a tratto distintivo dell'identità nazionale e a principio spirituale capace di collegare passato, presente e futuro. Russo sottolinea tuttavia che questa trasformazione della saudade in principio identitario appartiene specificamente al saudosismo e non può essere estesa indistintamente alla letteratura portoghese. È proprio da questa elaborazione che Pessoa prende le distanze, liberando progressivamente la saudade dalla sua funzione esclusivamente nazionale e trasformandola in un'esperienza più ampia dell'assenza e della crisi dell'identità moderna.

2.3 La Saudade in Pessoa attraverso l'analisi dei testi: *Vem Sentar-Te Comigo, Lídia, À Beira Do Rio, Ode Marítima e Tabacaria*

2.3.1 Fernando Pessoa, *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio*, in *Odes de Ricardo Reis* (composizione 1914; pubblicazione postuma nelle raccolte di Ricardo Reis).

⁷³ Teixeira de Pascoaes, «O Espírito Lusitano ou o Saudosismo», *A Águia*, 2.ª série, n.º 1, 1912, p. 51.

Per comprendere la complessa articolazione della saudade nell'opera di Fernando Pessoa, ritengo necessario analizzare il modo in cui questo sentimento si declini attraverso le diverse voci eteronimiche, assumendo forme apparentemente opposte ma in realtà profondamente complementari. Nel corpus pessoano, infatti, la saudade si allontana progressivamente dalla sola dimensione nostalgica legata alla tradizione portoghese e viene trasformata in una categoria esistenziale e metafisica, attraverso cui il poeta riflette sul tempo, sull'identità e sull'impossibilità di raggiungere una piena coincidenza con sé stessi.

Per osservare questa trasformazione, prenderò in considerazione due eteronimi molto diversi tra loro: Ricardo Reis (1887-1935) e Álvaro de Campos (1890-1935). Si tratta, naturalmente, di date appartenenti alle biografie immaginarie costruite da Pessoa per le proprie creature letterarie, ma esse contribuiscono a rendere gli eteronimi vere individualità poetiche autonome.

Mentre Reis viene rappresentato come un medico di formazione classica, legato all'equilibrio stoico ed epicureo, Campos incarna invece il poeta inquieto della modernità, attraversato dal desiderio di vivere ogni esperienza possibile.

Analizzando Ricardo Reis, emerge una forma di saudade più meditativa e controllata. La mancanza non viene vissuta come una ferita aperta, ma come la consapevolezza della fragilità del tempo umano. Nella poesia *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* (1914), Reis invita a contemplare il fluire dell'esistenza senza opporsi al suo destino:

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.⁷⁴

In questa prospettiva, la saudade di Reis nasce dalla consapevolezza della perdita inevitabile: non è il desiderio di recuperare ciò che è passato, ma la malinconica accettazione del fatto che ogni momento è destinato a scomparire.

Diversa è invece la voce di Álvaro de Campos (1890-1935), nella quale la saudade assume un carattere più drammatico e moderno. In lui la mancanza non

⁷⁴ Ricardo Reis, *Odes*, Milano, Adelphi, 1994, p. 43.

viene accettata, ma diventa un impulso continuo verso ciò che non può essere raggiunto. Nell'Ode Marítima (1915), Campos esprime il desiderio di entrare in contatto con ogni esperienza possibile, trasformando la nostalgia in una tensione verso l'infinito: «Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!». ⁷⁵

Attraverso il confronto tra questi due eteronimi, emerge come Pessoa non proponga una sola definizione della saudade, ma ne esplori tutte le possibilità interiori. In Ricardo Reis essa diventa equilibrio e meditazione sul tempo; in Álvaro de Campos diventa inquietudine, desiderio e dolore per ciò che rimane sempre irraggiungibile. È proprio attraverso questa moltiplicazione delle voci che la saudade pessoana supera il limite del sentimento nazionale e diventa una riflessione universale sulla condizione dell'uomo moderno.

Álvaro de Campos è l'eteronimo più inquieto e passionale. Creato da Fernando Pessoa e collocato nella sua biografia immaginaria tra il 1890 e il 1935, Campos rappresenta la voce della modernità, influenzata inizialmente dal futurismo e dal sensazionismo. Vive ogni esperienza con estrema intensità, oscillando continuamente tra entusiasmo e disillusione. Nelle sue poesie la saudade non appare come ricerca di una verità spirituale, bensì come nostalgia dell'assoluto, dell'avventura e delle possibilità perdute. Questa tensione verso una vita totale emerge chiaramente nella poesia *Passagem das Horas* (1916), dove Campos esprime il desiderio impossibile di essere tutto e vivere ogni esperienza:

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo. ⁷⁶

La sua inquietudine raggiunge una delle massime espressioni anche nella *Tabacaria* (1928), dove il poeta prende coscienza della distanza tra il desiderio assoluto e la realtà quotidiana:

Não sou nada.
Nunca serei nada.

⁷⁵ Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, *Orpheu*, 2, Lisboa, 1915, p. 34.

⁷⁶ Fernando Pessoa, *Mensagem*, op. cit, p. 165.

Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.⁷⁷

Attraverso Álvaro de Campos, la saudade assume quindi una forma moderna e drammatica: non è più soltanto il ricordo di qualcosa di perduto, ma la sofferenza per tutto ciò che avrebbe potuto essere e non è stato. La mancanza diventa così il segno di un desiderio infinito, destinato a non trovare mai una piena realizzazione.

In opere come *Ode Marítima*, il mare e il passato delle grandi navigazioni portoghesi evocano il desiderio di un'esperienza totale e irraggiungibile; tuttavia, questo richiamo non conduce a una rigenerazione spirituale della nazione, ma diventa il punto di partenza di una riflessione sull'insoddisfazione e sulla frammentazione dell'io. Analogamente, in *Tabacaria* emerge una nostalgia esistenziale, legata non tanto al passato quanto alla consapevolezza di ciò che avrebbe potuto essere e non è stato.

Ricardo Reis rappresenta invece l'ideale opposto. Creato da Fernando Pessoa nel 1914 e collocato nella sua biografia immaginaria tra il 1887 e il 1935, Reis è l'eteronimo più vicino alla tradizione classica: medico, latinista e seguace della filosofia stoica ed epicurea. Egli propone una concezione della vita fondata sulla misura, sull'equilibrio e sull'accettazione del destino.

Anche nelle sue odi è possibile riconoscere una forma di saudade, ma essa assume un significato diverso rispetto a quello pascoaesiano. Non nasce dal desiderio di ricostruire un passato perduto o di raggiungere una dimensione spirituale superiore, ma dalla consapevolezza della fragilità dell'esistenza e dello scorrere inevitabile del tempo. In componimenti come *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* (1914), il fluire del tempo e la caducità della vita suscitano una malinconia pacata, che non si trasforma in rimpianto:

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.⁷⁸

⁷⁷ Álvaro De Campos, *Poesie*, Milano, Adelphi, 1993, p. 39.

⁷⁸ Ricardo Reis, *Op. Cit.*, p.43

Il fiume diventa così il simbolo del tempo che scorre senza possibilità di ritorno: l'uomo non può fermarlo, ma può imparare ad accettarne il movimento. Questa idea emerge anche in un'altra celebre ode di Reis: «Para ser grande, sê inteiro: nada Teu exagera ou exclui».⁷⁹

Al contrario di Pascoaes, per il quale la saudade rappresenta una forza spirituale capace di ricongiungere l'uomo con il destino del Portogallo, Reis elimina ogni tensione trascendente e invita ad accettare serenamente la transitorietà della vita. La sua saudade diventa quindi una malinconia lucida, fondata sulla consapevolezza che ogni cosa è destinata a passare.

Il confronto tra questi due eteronimi mi permette di osservare come Pessoa rielabori il tema della saudade in forme profondamente diverse rispetto al saudosismo di Pascoaes. Se quest'ultimo attribuisce alla saudade una funzione metafisica e identitaria, legandola all'essenza spirituale del Portogallo, Álvaro de Campos la trasforma in nostalgia dell'impossibile, in desiderio di una totalità irraggiungibile e nella crisi di un individuo incapace di trovare una piena corrispondenza tra sé stesso e il mondo. In Ricardo Reis, invece, la saudade assume una forma più composta e meditativa: diventa riflessione sulla fugacità del tempo e sulla necessità di accettare con equilibrio la precarietà dell'esistenza.

Attraverso queste due voci poetiche, Pessoa sembra quindi allontanarsi dall'idea di una saudade intesa come principio spirituale assoluto e la trasforma in un'esperienza più complessa, legata alla condizione dell'uomo moderno. La mancanza non conduce più necessariamente alla ricerca di un'origine perduta o di una salvezza futura, ma diventa uno spazio di riflessione sull'identità, sul tempo e sui limiti dell'esistenza.

Questa molteplicità di prospettive trova una conferma nella stessa concezione pessoana dell'io poetico, quando afferma: «Sinto-me múltiplo».⁸⁰ La pluralità degli eteronimi permette infatti di dare voce alle diverse possibilità dell'esperienza umana, trasformando anche la saudade in un sentimento non più unico e definito, ma continuamente ricreato attraverso differenti coscienze poetiche.

⁷⁹ Ricardo Reis, *Op. Cit.*, p. 125.

⁸⁰ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 93.

Nell'ode di Ricardo Reis, *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* (1914), la saudade assume la veste stoica e neoclassica del distacco contemplativo. Analizzando questa poesia, emerge come Reis rappresenti una forma di nostalgia profondamente diversa da quella proposta dal saudosismo di Pascoaes: non è il desiderio di recuperare un passato perduto né la tensione verso una dimensione trascendente, ma la consapevolezza serena dell'inevitabile scorrere del tempo.

Reis, l'eteronimo medico e pagano formato sui modelli di Orazio e Virgilio, coltiva infatti una filosofia fondata sulla misura, sull'equilibrio e sulla consapevolezza della transitorietà di tutte le cose. Il testo si apre con un invito all'amante Lidia a sedersi sulla sponda del fiume per osservare insieme il fluire delle acque:

«Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio. / Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos / Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas».⁸¹

Attraverso la voce di Reis, Pessoa sembra quindi proporre una diversa possibilità di vivere la mancanza: non cercare ciò che è perduto, ma imparare ad abitare il presente nella piena coscienza della sua fragilità.

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fiquemos a olhar o seu curso
E aprender que a vida passa,
E não estamos de mãos dadas. (Enlacemos as mãos).
Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa...⁸²

In questa lirica, la saudade non è il rimpianto per un passato già trascorso, bensì può essere letta come una forma di "saudade anticipata", una malinconia rivolta al presente stesso nel momento in cui viene vissuto. Reis sembra provare nostalgia per l'istante che sta ancora attraversando, perché è consapevole che ogni esperienza, proprio nel momento in cui accade, è già destinata a trasformarsi in memoria.

Il fiume che scorre diventa così il simbolo del tempo in continuo movimento, secondo la tradizionale immagine eraclitea del *panta rei*: osservare l'acqua significa riconoscere che nulla può essere trattenuto e che anche il contatto fisico, l'amore e

⁸¹ Ricardo Reis, *Op. Cit.*, p. 43.

⁸² *Ibidem*.

la presenza dell'altro sono sottoposti alla legge inevitabile della trasformazione. Questa consapevolezza emerge nei versi iniziali dell'ode: «Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas».⁸³

Il gesto di guardare insieme il fiume non rappresenta quindi un tentativo di fermare il tempo, ma l'accettazione lucida della sua fuga. La poesia mostra come anche l'amore, pur vissuto intensamente nel presente, contenga già la consapevolezza della propria precarietà:

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que melhor que isso é deixarmos
Que o tempo passe.⁸⁴

La saudade di Reis nasce proprio da questa tensione: il desiderio di vivere pienamente il momento si accompagna alla consapevolezza che ogni istante è destinato a scomparire. Diversamente dal saudosismo di Pascoaes, nel quale la nostalgia apre verso una dimensione spirituale e rigeneratrice, in Reis la mancanza diventa una meditazione sulla fragilità dell'esistenza e sull'impossibilità di sottrarsi al fluire del tempo.

Un contributo importante alla comprensione di Ricardo Reis proviene da José Augusto Seabra (1937-2004), poeta, critico letterario e studioso portoghese di Fernando Pessoa. Nel suo studio *Fernando Pessoa ou o Poetodrama* (1974), Seabra analizza la struttura plurale dell'opera pessoana e interpreta gli eteronimi come vere forme autonome di rappresentazione dell'esistenza. All'interno di questa prospettiva, Ricardo Reis appare come la figura della misura, della distanza e del controllo delle passioni: la sua poesia cerca di opporsi all'instabilità dell'esperienza umana attraverso un atteggiamento fondato sull'equilibrio classico e sull'accettazione del limite.

Questa lettura permette di comprendere come la saudade di Reis assuma una forma diversa rispetto a quella elaborata dal saudosismo di Pascoaes. Non si tratta di una forza spirituale orientata verso il recupero di un'origine perduta, ma della consapevolezza lucida della precarietà di ogni esperienza. In Reis la nostalgia nasce

⁸³ *Ibidem.*

⁸⁴ *Ibidem.*

quindi dalla percezione del tempo che scorre e della caducità della vita, trasformandosi in una meditazione sull'impossibilità di trattenere ciò che è destinato a passare.

Il critico sottolinea come nell'opera pessoana ricorrano opposizioni fondamentali quali «ser/não-ser», «tudo/nada», «dentro/fora» e «sentir/pensar», che rivelano la continua tensione tra identità e frammentazione.⁸⁵

Partendo da questa prospettiva, Ricardo Reis può essere interpretato come una delle risposte possibili alla crisi dell'identità moderna: la sua poesia ricerca una forma di equilibrio attraverso la disciplina delle passioni, il rapporto con la cultura classica e l'accettazione del limite umano. La saudade di Reis assume quindi una dimensione diversa rispetto a quella saudosista: non è una forza orientata verso il recupero di un'origine perduta, ma la consapevolezza lucida della precarietà di ogni esperienza.

Questa lettura è coerente con la visione di Seabra degli eteronimi come realtà poetiche autonome: essi non sono semplici maschere, ma «personagens» create dalla scrittura stessa, attraverso cui Pessoa mette in scena differenti forme del rapporto tra l'uomo e il mondo.⁸⁶

Qui si avverte la lucida tragicità di Reis: la sua non è freddezza, ma un'autodifesa intellettuale, un tentativo di addomesticare la caducità trasformandola in uno spettacolo estetico da contemplare prima ancora di averla perduta.

Per difendersi dal dolore della perdita, Reis sceglie di non impegnarsi emotivamente nel mondo, trasformando la saudade in un esercizio di composta contemplazione estetica della caducità umana. La sua poesia non cerca di vincere il tempo, ma di riconoscerne il carattere inevitabilmente transitorio. Il poeta invita Lídia a sedersi accanto al fiume e a osservare lo scorrere dell'acqua, trasformando il paesaggio in una metafora del tempo e della condizione umana.

Il fiume simboleggia il fluire incessante della vita: così come l'acqua non si arresta mai, anche il tempo scorre senza possibilità di ritorno. Di fronte a questa

⁸⁵ José Augusto Seabra, *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991, p. 41.

⁸⁶ *Ibidem*.

realtà, Reis non propone la ribellione né la ricerca di un significato trascendente, ma un atteggiamento di serena accettazione. Questo principio ritorna anche nella sua celebre affermazione: «Abdica / E sê rei de ti próprio».⁸⁷

La rinuncia e il dominio interiore diventano quindi gli strumenti attraverso cui l'uomo può raggiungere una forma di equilibrio davanti alla precarietà dell'esistenza. Come osserva il critico letterario Jacinto do Prado Coelho (1920-1984) in *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949), Ricardo Reis rappresenta una poesia fondata sulla disciplina delle emozioni e sulla ricerca di una misura classica, nella quale la consapevolezza della morte non conduce alla disperazione, ma alla costruzione di un atteggiamento etico ed estetico.

L'invito rivolto a Lídia è quello di vivere il presente con misura, senza nutrire illusioni sul futuro e senza lasciarsi sopraffare dal desiderio di ciò che non si può possedere. Uno dei temi centrali dell'ode è la fugacità dell'esistenza.

L'amore stesso è presentato come un sentimento che deve essere vissuto con equilibrio e distacco: non come una passione assoluta, ma come un momento destinato anch'esso a dissolversi. «Depois pensemos, crianças adultas, que a vida Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa, Vai para um mar muito longe, para perto do Fado, Mais longe que os deuses».

In questo emerge chiaramente l'influenza della filosofia epicurea, reinterpretata da Reis in chiave personale: la felicità consiste nella tranquillità dell'animo, nella moderazione e nell'accettazione del limite umano.

L'ode riflette inoltre il forte classicismo dell'eteronimo. Il linguaggio è sobrio, l'andamento è misurato e il richiamo al mondo greco-latino è costante, sia nella forma sia nei valori espressi. Questa influenza si riconosce innanzitutto nella scelta di una poesia equilibrata e priva di eccessi emotivi: Reis non abbandona mai il controllo della parola poetica e preferisce un tono meditativo, vicino alla compostezza della tradizione oraziana. Già nell'invito iniziale rivolto a Lídia emerge questa ricerca di armonia: «Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio. Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos».⁸⁸

⁸⁷ Ricardo Reis, *Op. Cit.*, p. 45.

⁸⁸ Ivi, p. 43.

L'avverbio «sossegadamente» (“serenamente”, “con calma”) è particolarmente significativo perché racchiude l'atteggiamento filosofico di Reis: non il desiderio di modificare il corso degli eventi, ma la volontà di osservarli con distacco e consapevolezza.

La natura non è descritta come un luogo romantico di emozioni intense, ma come uno spazio ordinato in cui l'uomo può riconoscere la legge universale del tempo e imparare a conformarsi ad essa. Il fiume, infatti, non diventa un paesaggio emotivo in cui proiettare il proprio dolore, ma un'immagine oggettiva del movimento eterno della vita: «Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas».⁸⁹

Il verbo «passa» sottolinea l'idea della fugacità: la vita scorre come il fiume e l'uomo deve accettare questa condizione senza opporsi. In questo senso, la natura per Reis assume una funzione quasi didattica: attraverso l'osservazione del mondo naturale, l'individuo comprende la propria misura e il proprio limite.

La presenza del mondo classico emerge anche nella scelta di temi tipici della poesia antica: la brevità della vita, l'invito a godere moderatamente del presente (*carpe diem*) e l'accettazione del destino (*fatum*). Tuttavia, a differenza della poesia romantica, la contemplazione della natura non conduce all'espressione del sentimento individuale, ma alla ricerca di un ordine superiore al quale l'uomo deve adeguarsi.

Per questo motivo, *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* è considerata una sintesi della poetica di Ricardo Reis: il rifiuto delle illusioni, la coscienza della caducità della vita, la ricerca della serenità attraverso la misura e l'accettazione del destino. Lui rifiuta ogni aspirazione trascendente. Per Reis la vita non possiede un significato nascosto da raggiungere: l'uomo deve limitarsi ad accettare il tempo che passa e vivere con equilibrio il presente. Leggendo questa poesia, emerge come la sua *saudade* non nasca dal desiderio di recuperare ciò che è perduto, ma dalla consapevolezza che ogni istante, proprio mentre viene vissuto, è già destinato a trasformarsi in memoria. Questa idea si riflette nell'invito rivolto a Lídia a osservare

⁸⁹ *Ibidem*.

con calma il corso del fiume: «Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos Que a vida passa».⁹⁰

Il fluire dell'acqua diventa così una metafora della condizione umana: l'uomo non può fermare il tempo, ma può imparare ad accettarne il movimento senza opporre resistenza. In questo senso, la poesia rappresenta una posizione quasi opposta a quella pascoaesiana, sostituendo la tensione verso l'assoluto con una saggezza classica fondata sulla misura e sulla consapevolezza del limite umano.

Questa ricerca di equilibrio emerge anche in uno dei versi più rappresentativi della poetica di Reis: «Para ser grande, sê inteiro: nada Teu exagera ou exclui».⁹¹

Attraverso queste parole, Pessoa affida a Reis una visione dell'esistenza nella quale la vera grandezza non consiste nel superamento dei limiti, ma nella capacità di riconoscerli e abitarli pienamente. Proprio in questa accettazione composta della fragilità umana si trova la forma più originale della saudade di Reis.

2.3.2 Álvaro de Campos (Fernando Pessoa), “Ode Marítima”, in *Orpheu*, n.º 2, Lisbona, 1915

L’*Ode Marítima*, pubblicata nel 1915 nel secondo numero della celebre rivista d’avanguardia *Orpheu*, rappresenta uno dei momenti più significativi dell’eteronimia pessoana e, a mio giudizio, uno dei testi più importanti per comprendere la trasformazione moderna della saudade. Firmata da Álvaro de Campos (1890-1935), l’eteronimo ingegnere navale educato a Glasgow, sensazionista e vicino alle avanguardie europee, l’ode si presenta come un lungo flusso di coscienza ambientato sul molo del porto di Lisbona, dove il paesaggio esterno diventa il riflesso della complessa agitazione interiore del poeta.

Attraverso la voce di Campos, Pessoa porta la saudade oltre i confini della nostalgia tradizionale: non si tratta più soltanto del ricordo di qualcosa di perduto, ma della percezione dolorosa di tutto ciò che potrebbe essere vissuto e che rimane

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ Ivi, p. 125.

inevitabilmente irraggiungibile. Come osserva Eduardo Lourenço in *Pessoa Revisitado* (1973), uno dei nuclei fondamentali della poesia pessoana è proprio la tensione tra il desiderio di una totalità assoluta e la consapevolezza della frammentazione dell'io.

Laddove la tradizione saudosista interpreta la saudade come memoria, contemplazione o ricerca di una dimensione spirituale, Álvaro de Campos la trasforma in un'esperienza inquieta e moderna, segnata dall'eccesso e dal desiderio di possedere ogni possibilità dell'esistenza. Questa aspirazione emerge chiaramente quando il poeta afferma: «Ah, não ser eu toda a gente e toda a parte!». ⁹²

In questo verso si concentra il dramma di Campos: il desiderio di superare i confini individuali e di diventare "tutto" rivela allo stesso tempo l'impossibilità di raggiungere una pienezza definitiva. La saudade non offre quindi consolazione, ma diventa il segno di una mancanza permanente, della distanza tra ciò che l'uomo è e ciò che vorrebbe essere.

L'analisi dell'ode mostra così come Pessoa trasformi un sentimento profondamente radicato nella cultura portoghese in una categoria universale della modernità: la saudade diventa la voce di un individuo diviso, sospeso tra il desiderio dell'assoluto e la consapevolezza del proprio limite.

L'incipit dell'opera stabilisce immediatamente la scenografia fisica e psicologica in cui si consuma il dramma della voce poetica:

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão, olho para o lado da barra,
olho para o Indefinido... Ah, todo o cais é uma saudade de pedra! E quando o
navio sai do cais e se repara de repente que se abriu um espaço entre o cais e o
navio, vem-me, não sei porquê, uma angústia recente... ⁹³

Dal punto di vista ermeneutico, la folgorante metafora «todo o cais é uma saudade de pedra» opera una vera e propria concretizzazione e spazializzazione del sentimento. La saudade non è più soltanto uno stato d'animo interiore, ma si materializza nella struttura solida, fredda e immobile della banchina. Il molo rappresenta la terraferma, il presente storico, la stasi dell'individuo che rimane

⁹² Fernando Pessoa, *Orpheu*, op. cit., p. 17.

⁹³ Álvaro de Campo, *Op. Cit.*, p.165.

ancorato alla realtà quotidiana; la nave che salpa verso l'«Indefinito» incarna invece il viaggio, l'avventura oceanica e il mito delle scoperte.

La drammaticità del passo risiede nella percezione geometrica della distanza: l'angoscia nasce nell'istante preciso in cui si manifesta lo spazio vuoto tra la nave e la banchina. La saudade camposiana è dunque la misurazione di uno strappo, la coscienza visiva e fisica della separazione. Il molo è "pietra" perché è condannato a rimanere fermo, a guardare l'altro che parte, trasformandosi nella metafora stessa dell'attesa frustrata. La dimensione nostalgica iniziale viene travolta dall'esplosione della poetica sensazionista, secondo cui "sentire è tutto" (*sentir é tudo*):

Ó grandes cais de onde se parte em quase nada!
Ó meus cais actuais, cravados na minha alma!
Ah, sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo!⁹⁴

Questo passaggio rappresenta, nella mia lettura, uno dei momenti più intensi dell'*Ode Marítima*, perché racchiude il nucleo fondamentale della poetica di Álvaro de Campos: il desiderio di superare ogni limite individuale per entrare in contatto con la totalità dell'esistenza. Qui la saudade non nasce dalla mancanza di un oggetto preciso, come un amore perduto, una patria lontana o un passato irrecuperabile, ma dall'impossibilità di raggiungere tutto ciò che il poeta desidera essere e vivere.

La ripetizione di espressioni come «sentir tudo de todas as maneiras» e «viver tudo de todos os lados» mostra una tensione verso l'esperienza assoluta: Campos non vuole semplicemente osservare il mondo, ma partecipare a ogni sua forma, identificandosi con la nave, con il mare, con i marinai e con il movimento stesso del viaggio. La saudade assume così una dimensione diversa rispetto alla tradizione precedente: diventa una nostalgia dell'infinito, una mancanza generata dal desiderio di una pienezza impossibile.

In questo senso, la poesia di Campos trasforma la sofferenza della distanza in energia creatrice. Il poeta cerca di frantumare i confini del proprio io per coincidere

⁹⁴ *Ibidem*.

simultaneamente con ogni elemento del reale, ma proprio questo tentativo rivela la condizione tragica dell'uomo moderno: il desiderio di essere tutto si scontra inevitabilmente con l'impossibilità di superare la propria finitezza.

La saudade qui si rovescia quindi in una tensione espansiva e vertiginosa, una spinta verso l'eccesso che tenta di colmare il vuoto dell'esistenza attraverso la moltiplicazione delle sensazioni. Diversamente da Reis, che accetta il limite attraverso la misura e la contemplazione, Campos vive la mancanza come una ferita aperta, trasformandola in un bisogno incessante di sentire e di diventare sempre altro.

A questo punto, ciò che trovo particolarmente significativo nella voce di Campos è il fatto che la saudade non venga più vissuta come un sentimento rivolto esclusivamente a qualcosa che è stato perduto, ma come la consapevolezza dolorosa di tutto ciò che non potrà mai essere completamente vissuto. In Campos la mancanza non nasce soltanto dall'assenza, ma dall'eccesso stesso dei desideri: più il poeta cerca di abbracciare ogni possibilità dell'esistenza, più diventa evidente l'impossibilità di possederla interamente. È proprio questa contraddizione, a mio parere, a rendere la sua saudade profondamente moderna: un sentimento che non guarda indietro verso un passato da recuperare, ma verso un infinito che rimane sempre fuori portata. «Chamado de quê? Chamado de onde? Chamado por quem? > Eu sei lá! Só sei que o mar me chama... > E o meu corpo, que não parte, fica aqui a chorar...».⁹⁵

In questo passaggio, Campos riprende il grande topos della letteratura marittima lusitana, ma lo priva di ogni giustificazione provvidenziale o religiosa. L'appello del mare è un'eco ancestrale e irrazionale che risuona nell'inconscio della nazione. Tuttavia, l'uomo moderno d'avanguardia non è più il navigatore del Cinquecento sostenuto dalla fede o dalla corona; è un soggetto nevrotico, ipersensibile e paralizzato. La cesura drammatica tra la mente che vaga negli spazi sconfinati dell'Oceano e il corpo che «non parte» e «resta qui a piangere» riflette esattamente ciò che Eduardo Lourenço identifica in *O Labirinto da Saudade* come la tara psicologica del mito lusitano: la condanna a vivere nell'immaginario, alimentando desideri sconfinati mentre la realtà materiale rimane segnata dall'inazione e dalla solitudine.

⁹⁵ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 181.

Nella sezione centrale dell'ode, il delirio sensazionista di Campos raggiunge una dimensione di estrema intensità fisica e immaginativa, nella quale l'evocazione dei pirati, della violenza e della furia marina rompe definitivamente i canoni della saudade tradizionale: «Ah, os piratas! Os piratas! A fascinação da vida de pirataria...».⁹⁶

L'introduzione dell'immaginario della violenza e del pericolo rappresenta il tentativo di Campos di sottrarre la saudade alla passività del semplice rimpianto.

Attraverso un linguaggio vicino alla sensibilità futurista e sensazionista, l'eteronimo cerca una forma di esperienza assoluta, nella quale il dolore fisico, il movimento e il rischio diventano strumenti per superare i limiti dell'esistenza ordinaria.

La violenza immaginata non è quindi fine a sé stessa, ma esprime il desiderio di una vita più intensa e autentica. Campos vuole sostituire la contemplazione nostalgica con un'esperienza totale del reale, anche quando questa esperienza assume forme estreme. Come in un ciclo tragico, però, dopo l'orgia immaginaria e la tempesta sensoriale, l'ode registra il progressivo ritorno alla realtà quotidiana: «Chegou. Acabou-se tudo. E eu fico outra vez o homem que sou, a olhar para o mar...».⁹⁷

Il ritorno alla condizione ordinaria segna il fallimento inevitabile del desiderio di assoluto. Il mare rimane davanti al poeta come simbolo di infinito e possibilità, ma l'individuo torna a confrontarsi con la propria solitudine. In questo contrasto si manifesta la forma più moderna della saudade di Campos: non nostalgia di ciò che è stato, ma sofferenza per ciò che non può essere raggiunto.

La conclusione di *Ode Marítima* sancisce il fallimento del tentativo di assimilare l'Assoluto attraverso la finzione poetica. La nave rientra nel porto, la dimensione immaginaria del viaggio si dissolve e il poeta si ritrova restituito alla propria identità originaria: «o homem que sou».

⁹⁶ Ivi, p. 179.

⁹⁷ Ivi, p. 199.

Il contrasto finale è spietato: da un lato la «grande saudade» e l'«angústia antiga» del soggetto umano, chiuso nella propria solitudine interiore; dall'altro il mare, che continua a esistere «eterno e indifferente», senza rispondere al desiderio dell'uomo.

È proprio in questa distanza che, nella mia lettura, si concentra il significato più profondo della saudade di Álvaro de Campos. Il dolore non nasce soltanto dalla perdita di qualcosa appartenuto al passato, ma dalla consapevolezza di non poter mai coincidere completamente con il mondo desiderato. Il mare rappresenta tutto ciò che l'uomo aspira a raggiungere, l'infinito, la libertà, la totalità dell'esperienza, ma anche ciò che inevitabilmente rimane al di fuori della sua possibilità.

In questo senso, il ritorno al porto non rappresenta semplicemente una sconfitta, ma rivela la condizione stessa dell'uomo moderno secondo Pessoa: un essere diviso tra il desiderio di superare i propri limiti e la consapevolezza dolorosa della propria finitezza. La saudade di Campos nasce proprio da questa contraddizione: è la nostalgia non di ciò che è stato perduto, ma di una pienezza che forse non è mai esistita.

2.3.3 Tabacaria

Un'altra opera di Álvaro de Campos nella quale emerge il sentimento della saudade è *Tabacaria*, composta nel 1928 e pubblicata nel 1933 sulla rivista *Presença*. Se nell'*Ode Marítima* Campos viveva il desiderio di assoluto attraverso un'esplosione sensoriale e una tensione verso l'esterno, in *Tabacaria* ritroviamo lo stesso eteronimo chiuso in una stanza, davanti alla finestra, in una condizione di isolamento e riflessione esistenziale. L'energia espansiva e futurista lascia spazio al disincanto, alla percezione del fallimento e alla crisi dell'identità individuale.

In questo testo, la saudade compie un'ulteriore trasformazione: non è più soltanto nostalgia del passato o desiderio di un futuro irraggiungibile, ma può essere interpretata come nostalgia di un sé possibile, di tutte le vite che l'individuo potrebbe vivere ma che rimangono escluse dalla realtà. Questa frattura tra il sogno e l'esperienza concreta emerge nei celebri versi:

Não sou nada.
Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.⁹⁸

Il contrasto tra il sentimento di vuoto espresso dall'affermazione «Não sou nada» e la presenza di «todos os sonhos do mundo» racchiude una delle contraddizioni fondamentali della poesia di Campos: l'individuo è contemporaneamente prigioniero dei propri limiti e abitato da possibilità infinite.

Come osserva Eduardo Lourenço in *Pessoa Revisitado* (1973), uno dei nuclei centrali dell'opera pessoana è proprio la tensione tra la molteplicità delle possibilità dell'io e l'impossibilità di realizzarle pienamente. In questa prospettiva, *Tabacaria* rappresenta uno dei testi più significativi per comprendere la trasformazione della saudade nella poesia di Pessoa: essa non riguarda più soltanto ciò che è perduto, ma anche ciò che non può esistere.⁹⁹

La poesia si apre con una profonda crisi identitaria: il soggetto lirico guarda dalla finestra la tabaccheria di fronte e riflette sul proprio senso di inadeguatezza e sull'incapacità di trovare un significato stabile all'esistenza. È proprio questo spazio quotidiano e apparentemente insignificante a diventare, nella poesia di Campos, il luogo da cui nasce una riflessione sull'interiorità dell'individuo e sul rapporto tra ciò che sogna e ciò che riesce realmente a vivere.

Campos parte dalla constatazione di un profondo senso di vuoto: l'io si percepisce come niente sul piano dell'azione e della storia. Tuttavia, questa apparente mancanza convive con una capacità immaginativa sconfinata, racchiusa nel celebre verso: «Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo».¹⁰⁰

È proprio questa contraddizione, a mio avviso, uno degli aspetti più significativi della poesia: Campos è contemporaneamente colui che sente di non essere nulla e colui che porta dentro di sé infinite possibilità. La sua saudade nasce quindi non soltanto dal ricordo di qualcosa di perduto, ma dalla consapevolezza dolorosa di tutte quelle vite, quei mondi e quei destini che esistono dentro di lui come possibilità, senza riuscire mai a trasformarsi completamente in realtà.

⁹⁸ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 261,

⁹⁹ Álvaro de Campos, "Tabacaria", *Presença*, n.º 39, 1933.

¹⁰⁰ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 261.

La realtà quotidiana diventa così il punto di partenza di una meditazione sul fallimento delle aspirazioni umane e sulla distanza tra ciò che si desidera essere e ciò che realmente si è. In questa tensione tra il limite concreto dell'esistenza e l'infinita apertura dell'immaginazione si manifesta una delle forme più profonde della saudade pessoana.

In *Tabacaria*, la saudade assume una dimensione profondamente interiore ed esistenziale: non nasce dal rimpianto di un passato concreto, ma dalla nostalgia per tutte le possibilità non realizzate e per le vite che il soggetto potrebbe vivere. Il poeta non rimpiange quindi qualcosa che è realmente esistito, ma un insieme di esperienze, sogni e identità rimaste soltanto allo stato di possibilità. La saudade diventa così il sentimento della perdita di un'esistenza soltanto immaginata.

Questa forma di nostalgia è strettamente legata alla frammentazione dell'io, uno dei temi centrali della poetica di Pessoa. L'eteronimo avverte infatti l'impossibilità di racchiudersi in un'identità unica e stabile: da un lato desidera essere tutto, vivere ogni possibilità dell'esistenza; dall'altro si percepisce come privo di consistenza, incapace di trasformare il sogno in realtà.

Un elemento simbolico particolarmente significativo in *Tabacaria* è la finestra. Fin dall'inizio della poesia, Campos osserva il mondo esterno attraverso questo spazio di separazione:

Da minha janela da minha casa de Lisboa,
Olho para a tabacaria defronte como para uma coisa exterior,
Como para o mistério de existir coisas além de mim...
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E ao sentimento de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.¹⁰¹

La finestra non rappresenta soltanto un punto di osservazione, ma diventa il confine simbolico tra due dimensioni opposte: da una parte il mondo esterno, concreto e quotidiano della tabaccheria e della strada; dall'altra lo spazio interiore del poeta, dominato dall'immaginazione, dal dubbio e dall'inquietudine.

¹⁰¹ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 261.

A mio avviso, proprio questa immagine rende particolarmente evidente la condizione di Campos: egli non è completamente separato dal mondo, perché continua a osservarlo e a desiderarlo, ma allo stesso tempo non riesce mai ad attraversare realmente quella distanza che lo separa dalla vita degli altri. Rimane in una posizione intermedia, sospeso tra realtà e sogno, tra il desiderio di partecipare all'esistenza e la consapevolezza della propria estraneità.

È proprio questa distanza tra il soggetto e il mondo esterno a generare una delle forme più profonde della saudade pessoana: non la nostalgia di ciò che è stato, ma la sofferenza per ciò che avrebbe potuto essere.

Anche la tabaccheria, vista attraverso la finestra, assume un significato simbolico. Essa rappresenta la realtà concreta, stabile e quotidiana, in contrasto con il continuo movimento della coscienza del poeta. Mentre il negozio rimane apparentemente immutabile, l'io poetico cambia continuamente, passando dall'entusiasmo alla disperazione, dalla fiducia al senso di fallimento.

Il contrasto tra questi due piani mette in evidenza la frattura tipica dell'uomo moderno, diviso tra il bisogno di partecipare alla realtà e la difficoltà di riconoscersi pienamente in essa.

Secondo la mia interpretazione, proprio la finestra rappresenta uno dei simboli più significativi di *Tabacaria*: non è soltanto un elemento che separa fisicamente l'interno della stanza dal mondo esterno, ma diventa il confine tra ciò che Campos desidera vivere e ciò che riesce realmente a sperimentare. Egli osserva la realtà senza riuscire mai ad attraversarla completamente; rimane in una posizione intermedia, sospeso tra il bisogno di partecipare alla vita e la consapevolezza della propria estraneità.

Questa distanza tra il soggetto e il mondo esterno diventa così una delle principali fonti della sua saudade: una nostalgia non rivolta a qualcosa di perduto, ma a tutte quelle possibilità di esistenza che rimangono soltanto immaginate.

La saudade nasce proprio da questa impossibilità di colmare la distanza tra ciò che il poeta vorrebbe vivere e ciò che può realmente raggiungere. Per questo motivo essa non coincide più con il rimpianto del passato o con il desiderio della patria, ma si trasforma nella nostalgia di una vita pienamente vissuta, di tutte quelle possibilità

che rimangono immaginate ma che non riescono mai a diventare esperienza concreta. La celebre affermazione iniziale della poesia, che contrappone il «non essere nulla» all'immensità dei sogni:

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.¹⁰²

sintetizza questa tensione tra aspirazione e vuoto, trasformando la saudade in una forma di inquietudine legata alla distanza tra l'identità desiderata e quella realmente vissuta. Il momento di massima resa tragica del poema si consuma nella riflessione sul fallimento della propria identità: «Quando quis tirar a máscara, Estava pegada à cara...».¹⁰³

Ritengo che questi versi rappresentino uno dei passaggi più profondi della poesia, perché mostrano come la maschera non sia più soltanto un ruolo esterno, ma finisca per aderire completamente all'individuo. Campos non riesce più a distinguere ciò che è autentico da ciò che è costruito e proprio questa impossibilità di raggiungere un'identità stabile alimenta la sua forma più radicale di saudade.

La metafora del costume di carnevale «o dominó que vesti era errado» e della maschera, rappresenta uno dei passaggi più significativi per comprendere il rapporto tra identità e finzione nella poesia di Pessoa. Attraverso queste immagini, Campos riflette sulla condizione di un individuo che, nel tentativo di costruire diverse possibilità di sé, arriva a non riconoscere più un'identità stabile e originaria.

La maschera, inizialmente strumento di trasformazione e libertà, sembra progressivamente diventare una prigioniera: la finzione creata per esprimere ciò che l'io non riesce a essere finisce per aderire completamente alla persona. In questo senso, la saudade assume una nuova forma: non è più nostalgia di qualcosa perduto nel passato, ma rimpianto per un'identità autentica che forse non riesce mai a realizzarsi.

¹⁰² *Ibidem.*

¹⁰³ *Ibidem.*

«Fiz de mim o que não soube, E o que podia fazer de mim não o fiz. O domínio que vesti era errado. Conhecera-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me. Quando quis tirar a máscara, Estava pegada à cara...».

Questi versi rappresentano uno dei momenti più intensi della riflessione pessoana sull'identità: la maschera non nasconde più semplicemente il volto, ma finisce per diventare inseparabile da esso. La finzione, che per Pessoa è anche possibilità creativa e strumento poetico, mostra qui il suo lato più doloroso, perché rivela la difficoltà di distinguere tra ciò che si costruisce e ciò che realmente si è.

Di fronte al fallimento della riflessione filosofica, Campos si affaccia e osserva una bambina che mangia cioccolatini. La scena introduce un contrasto fondamentale: da una parte l'adulto prigioniero della coscienza e delle domande metafisiche, dall'altra la bambina immersa nella semplicità immediata dell'esistenza: «Come chocolates, pequena; Come chocolates! Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. [...] Mas a Tabacaria? Onde está a Tabacaria? O homem da Tabacaria sorriu-se à porta. E o destino continuará a fazer a metafísica da vida.»

Sul finale, compare la figura del proprietario della tabaccheria: «O homem da Tabacaria sorriu-se à porta. E o destino continuará a fazer a metafísica da vida».¹⁰⁴

L'uomo della tabaccheria, a differenza del poeta, sembra non essere tormentato dalle stesse domande metafisiche: non ricerca un significato assoluto dell'esistenza, ma vive immerso nella semplicità del quotidiano. Il suo sorriso alla porta sancisce il contrasto tra la spontaneità della vita ordinaria e la complessità inquieta dell'intelletto di Campos, incapace di accettare la realtà senza interrogarsi continuamente sul suo significato.

Nella mia lettura, questa figura assume un valore particolarmente significativo perché rappresenta proprio ciò che Campos non riesce più a raggiungere: un rapporto immediato e naturale con il mondo. Non si tratta necessariamente di una condizione superiore o più autentica, ma di una forma di esistenza libera dal peso della riflessione continua che imprigiona il poeta.

¹⁰⁴ Fernando Pessoa, *Op. Cit.*, p. 263.

Alla luce della riflessione di Eduardo Lourenço in *O Labirinto da Saudade* (1978), *Tabacaria* può essere letta come una rappresentazione della tensione tra immaginario e realtà che attraversa la cultura portoghese: il soggetto, incapace di trovare una piena corrispondenza tra desiderio ed esperienza concreta, rischia di rifugiarsi nel mondo interiore dei propri sogni e delle proprie costruzioni ideali, allontanandosi dalla dimensione immediata dell'esistenza.

Ciò che emerge con particolare forza nella poesia è proprio questa contraddizione: l'immaginazione permette a Campos di moltiplicare le possibilità dell'esistenza, ma allo stesso tempo gli impedisce di sentirsi completamente parte della realtà che osserva. Il sogno diventa quindi contemporaneamente una ricchezza e una condanna, perché mostra tutto ciò che potrebbe essere senza riuscire a trasformarlo in esperienza vissuta.

Rispetto alla concezione pascoaesiana, il cambiamento è evidente. Se per Pascoaes la saudade è una forza creatrice capace di collegare l'uomo all'Assoluto e di alimentare una missione spirituale del Portogallo, in Campos essa perde questa funzione consolatoria e rigeneratrice, trasformandosi nel segno della crisi dell'individuo moderno, sospeso tra il desiderio di totalità e la consapevolezza dei propri limiti.

La nostalgia non apre più alla speranza di una rigenerazione, ma rivela la frattura tra il desiderio infinito dell'uomo e i limiti della realtà. In questo senso, *Tabacaria* testimonia il passaggio da una saudade intesa come principio spirituale e identitario a una saudade profondamente moderna, legata all'inquietudine, all'incertezza e alla continua ricerca di sé.

In *Tabacaria* la saudade diventa il sentimento della possibilità mancata. La perdita non riguarda soltanto il passato, ma anche ciò che non riesce a realizzarsi. Proprio questa mancanza, invece di essere semplicemente subita, si trasforma in materia poetica, facendo della saudade una delle espressioni più profonde della crisi dell'uomo moderno.

Conclusioni

O percurso desenvolvido nesta tese permitiu-nos mostrar a complexidade da saudade, um dos conceitos mais representativos da cultura e literatura portuguesas. Longe de ser uma simples forma de nostalgia ou melancolia, a saudade revela-se uma experiência na qual a memória, a ausência, o desejo e a esperança estão continuamente entrelaçados. É precisamente esta pluralidade de significados a permitir à saudade percorrer diferentes eras e transformações culturais, assumindo formas sempre novas, sem perder a sua força simbólica. Um primeiro passo fundamental na pesquisa foi distinguir saudade de saudosismo. Como destacou Vincenzo Russo, os dois conceitos pertencem de facto a diferentes níveis: o primeiro constitui um sentimento e uma categoria cultural profundamente enraizados na tradição portuguesa, enquanto a segunda representa uma elaboração filosófica e cultural específica que se desenvolveu nas primeiras décadas do século XX. Esta distinção permite-nos compreender que a saudade não pode ser rastreada até uma única interpretação ideológica, mas deve ser considerada como uma forma de expressão continuamente reelaborada pelos autores.

Neste contexto, a reflexão de Eduardo Lourenço assume uma importância central. O filósofo interpreta a saudade e, mais genericamente, a imaginação portuguesa não como realidades estáticas, mas como construções através das quais Portugal elaborou a sua imagem e a sua relação com a história. O seu estudo mostra que o país transformou muitas vezes a memória do passado, o mito da era da descoberta e a nostalgia da grandeza antiga em ferramentas para compensar a distância entre a sua imagem ideal e a sua realidade histórica. Deste ponto de vista, a saudade não explana apenas sobre o que se perdeu, mas revela a relação complexa de Portugal com a sua própria identidade, suspensa entre a memória do passado e o desejo de um futuro ainda possível.

É precisamente a partir desta perspectiva que o trabalho de Fernando Pessoa adquire um significado particularmente relevante. Pessoa não oferece uma definição unívoca do desejo, mas antes realiza a pluralidade de suas formas através da escrita em si e, acima de tudo, através da criação de heterônimos. A heteronímia torna-se

uma ferramenta através da qual um único autor pode experimentar diferentes formas de perceber o mundo, o tempo, a identidade e a ausência. O desejo, portanto, não pertence a uma única voz poética, mas é transformado em relação às diferentes sensibilidades de cada sujeito.

Na obra ortodóntica de Fernando Pessoa, e em particular na Mensagem, o poeta mantém uma forte relação com a memória histórica e a imaginação nacional portuguesa. O passado não é simplesmente celebrado: através do mito, Pessoa releia o destino de Portugal e questiona a sua possibilidade de regeneração. A dimensão nacional do desejo torna-se assim uma reflexão mais ampla sobre a relação entre história, identidade e futuro.

Com Álvaro de Campos, porém, a saudade afasta-se progressivamente da dimensão coletiva e nacional para assumir uma forma existencial. Em *Tabacaria*, já não se trata apenas do que se perdeu, mas também do que nunca se realizou: as possibilidades não vividas, as identidades deixadas inacabadas e as múltiplas vidas que o indivíduo poderia ter vivido. A saudade torna-se então uma experiência da distância entre quem somos e quem gostaríamos de ser. A fragmentação do eu e a heteronímia encontram aqui um ponto de contato particularmente significativo: a multiplicação das identidades não elimina a falta, mas transforma-a em possibilidade poética.

Ricardo Reis oferece uma resposta diferente. A sua poesia aborda a transitoriedade, o tempo e a morte através da medida, do desapego e da aceitação da ordem inevitável de existência. Também aqui a saudade não desaparece, mas assume uma forma mais controlada e meditativa. Ao comparar as diferentes vozes pessoanas, torna-se evidente que não existe uma única saudade: existem diferentes formas de vivenciar e interpretar a falta, determinadas pela conceção de identidade, tempo e existência própria de cada heterónimo.

A heteronímia representa, nesse sentido, um dos aspetos mais originais da resposta de Pessoa à saudade. Se o sentimento surge da percepção de uma distância, a multiplicação do eu permite a Pessoa habitar essa distância em vez de eliminá-la. A identidade não se recompõe numa unidade definitiva, mas permanece aberta,

plural e problemática. A fragmentação, portanto, não constitui apenas uma crise, mas torna-se também uma forma de conhecimento e criação poética.

Por fim, a relação entre Pessoa e Lourenço permite-nos compreender o âmbito mais amplo deste percurso. Se Lourenço analisa criticamente as imagens através das quais Portugal construiu a sua identidade, Pessoa transfere esta mesma problemática para o indivíduo, transformando a crise da identidade nacional numa crise mais universal do eu. Portugal, que busca a si mesmo através dos seus mitos, e o sujeito pessoano, que busca a si mesmo através de múltiplas identidades, partilham, em diferentes formas, a mesma dificuldade: a de coincidir plenamente com a imagem que construíram de si mesmos.

A saudade torna-se assim o ponto de encontro entre estas duas dimensões, o coletivo e o individual. Por um lado, expressa a relação de Portugal com o seu passado, a sua memória e os seus mitos; por outro lado, através de Pessoa e dos seus heterónimos, torna-se uma experiência universal de falta, incompletude e desejo. A sua força reside precisamente na sua capacidade de transcender o sentido originalmente nacional e transformar-se numa categoria através da qual questionar a existência humana.

In conclusione, il desiderio non può essere ricondotto a una definizione unica e definitiva, ma si configura come un'esperienza plurale e mutevole, che assume forme e significati differenti in relazione al soggetto, alla sua esperienza e al contesto storico e culturale in cui si manifesta.

Pelo contrário, a sua história demonstra a capacidade de um sentimento se transformar junto com as diferentes eras e formas da sensibilidade portuguesa. Desde a sua elaboração cultural em Saudosismo à leitura crítica de Eduardo Lourenço, até à extraordinária multiplicidade do universo Pessoaano, a Saudade passa da dimensão da memória coletiva para a da crise da identidade individual. Em Pessoa, e sobretudo através dos seus heterónimos, acaba por se tornar não apenas nostalgia do que foi, mas consciência do que falta, do que não foi e do que ainda poderia ter sido.

Talvez seja justamente nessa capacidade de transformar a ausência em questionamento e a falta em criação que reside a sua mais profunda relevância: a

saudade continua a falar ao homem contemporâneo porque expressa uma condição universal: a de um indivíduo continuamente suspenso entre a memória e o desejo, entre o que ele é e o que gostaria de ter sido.

Bibliografia

Camões, Luís de, *Os Lusíadas*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros – Instituto Camões, 2000.

Campos, Álvaro de, “Ode Marítima”, *Orpheu*, 2, Lisboa, 1915.

Campos, Álvaro de, *Poesie*, Milano, Adelphi, 1993.

Dom Duarte, Leal Conselheiro, “Do nojo, pesar, desprazer, avorrecimento e suidade”; Eduardo Lourenço, “Da literatura como interpretação de Portugal”, in Eduardo Lourenço (Org.), *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, pp. 102-112.

Lourenço, Eduardo, *Heterodoxia I & II*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.

Lourenço, Eduardo, *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992.

Lourenço, Eduardo, “Sonho de Império e Império de Sonho”, in Fernando Pessoa, *Mensagem / Poemas Esotéricos*, ed. crítica de J. A. Seabra, Madrid/Lisbona, Allca XX, 1997.

Lourenço, Eduardo “Sebastianismo: imagens e miragens”, in Idem, *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999, pp. 133-142

Lourenço, Eduardo, *Pessoa Revisitado. Leitura estruturante do drama em gente*, Lisboa, Gradiva, 2003.

Lourenço, Eduardo, “Psicanálise mítica do destino português”, in Idem, *O Labirinto da Saudade e Outros Ensaios sobre a Cultura Portuguesa, Obras Completas*, vol. XIII, ed. João Dionísio, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2023, pp. 23-66

Nagy, Gregory, *The Best of the Achaeans. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1999.

Pascoaes, Teixeira de, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, Porto, Renascença Portuguesa, 1912.

Pascoaes, Teixeira de, *Arte de Ser Português*, Lisboa, Edições Roger Delraux, 1988.

Pessoa, Fernando, “Tábua Bibliográfica”, *Presença*, 17, dicembre 1928.

Pessoa, Fernando, “Autopsicografia”, *Presença*, 36, novembre 1932.

Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1934.

Pessoa, Fernando, *Páginas Intimas e de Auto – Interpretação*, Lisboa, Atica, 1966.

Pessoa, Fernando, *Una sola moltitudine*, Vol. 1 e 2, Milano, Adelphi, 1984.

Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Lisboa, Editora Presença, 1993.

Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Lisboa, Planeta de Agostini, 2006.

Pessoa, Fernando, *Teoria dell'eteronimia*, a cura e con un saggio di Vincenzo Russo, prefazione di Fernando Cabral Martins, Roma, Quodlibet, 2020.

Quadros, António, “O Título da Mensagem”, in Fernando Pessoa, *Mensagem: Poemas Esotéricos*, edição crítica de José Augusto Seabra, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1993.

Russo, Vincenzo, «La memoria "strana" del nostalgico. Note su saudade e messianismo tra Teixeira de Pascoaes ed Eduardo Lourenço», in Giancarlo de Aguiar (a cura di), *Studi sulla cultura portoghese e sul pensiero di Fernando Pessoa*, Roma, Edizioni Nuova Cultura, 2012, p. 114

Seabra, José Augusto, *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991

Vasconcellos, Carolina Michaëlis de, “A Saudade Portuguesa: Divagações Filológicas e Literário-Históricas em Volta de Inês de Castro e do Cantar Velho ‘Saudade Minha – Quando te Veria?’”, *Renascença Portuguesa*, 1914, pp. 1-144

Vecchi, Roberto, “Introduzione”, *Il labirinto della saudade. Il Portogallo come destino*, Parma, Diabasis, 2006, pp. 6-10

Vieira, António, *História do Futuro*, introdução, actualização do texto e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

Vieira, António, *Clavis Prophetarum / Chave dos Profetas*. Livro III, ed. crítica, fixação do texto, tradução, notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2000.

Sitografia:

https://ensina.rtp.pt/artigo/o-labirinto-da-saudade-breve-introducao-ao-ensaio-de-eduardo-lourenco/?utm_source=chatgpt.com

https://www.snpcultura.org/impressao_digital_padre_antonio_vieira_missao_ibiapaba.html?utm_source=chatgpt.com

<http://arquivopessoa.net/textos/187>

Ringraziamenti

A conclusione di questo elaborato, desidero dedicare un pensiero e un sincero ringraziamento a tutte le persone che mi sono state vicine durante questo percorso di crescita personale e professionale e che, in modi diversi, hanno contribuito a rendere possibile il raggiungimento di questo importante traguardo.

Un sentito grazie alla mia Relatrice, Prof.ssa Barbara Gori, per avermi accompagnata durante questi mesi di lavoro con disponibilità e attenzione, guidandomi nella ricerca e nella stesura dell'elaborato attraverso preziosi suggerimenti e indicazioni.

Un grazie di cuore alla mia famiglia, a Diego e agli amici più cari, per essermi stati sempre accanto, sostenendomi e incoraggiandomi soprattutto nei momenti di difficoltà e di sconforto. La vostra presenza, il vostro affetto e il vostro sostegno hanno rappresentato per me una forza fondamentale lungo tutto questo percorso.

Infine, un ringraziamento speciale alla mia bassottina Chloe, che con la sua presenza, il suo affetto e le sue immancabili coccole è sempre stata al mio fianco, rendendo più leggeri anche i momenti più impegnativi.